

Cumbowco

Aracaju • Ano V • Nº 16 • Novembro/2017 R\$ 10,00



EDISE



EDISE

Expediente

Editor

Amaral Cavalcante

Produção

Cândida Oliveira

Design Gráfico

Carol Patriarca
Cícero Guimarães
Felipe Ferreira
Guto Arcieri

Revisão

Yuri Gagarin

Coordenador de Pré-impressão

Marcos Nascimento

Gerente Editorial

Jeferson Melo

Colaboradores - Neste Número

Adelvan "Kenobi" (cultura alternativa) • Ribeiro Filho (crítico de arte) • Rian Santos (jornalista) • Lucas Campelo (músico) • Tiago Oliveira (fotógrafo) • Sandra Natividade (professora) • Antônio Torres (poeta) • Paulo Roberto Dantas (jornalista) • Albano Franco (acadêmico) • Rangel Aves da Costa (articulista) • José de Almeida Bispo (historiador)

Cumbuca

Ano V | Número 16

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79) 3205-7421/7400

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE

CEP: 49010-020



Governo do Estado de Sergipe

Governador

Jackson Barreto

Secretário de Estado de Governo

Benedito de Figueiredo

Secretário de Estado da Comunicação

José Sales Neto



Serviços Gráficos de Sergipe

Diretor-Presidente

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Industrial

Milton Alves

Diretor Administrativo-Financeiro

Filadelfo Alexandre Silva Costa

A Revista Cumbuca não se responsabiliza por conceitos emitidos nas matérias assinadas.

Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.

carta ao leitor

O leitor tem em mãos a Revista Cumbuca nº16, preparada com carinho pela Editora Diário Oficial/Segrase para divulgar os valores essenciais da cultura sergipana.

Nesta edição, o blogueiro Adelvan Kenobi - especialista em cultura alternativa - discorre sobre o boom dos fanzines ocorrido em nosso meio desde a década de 80, responsável por desaguar a intensa criatividade de toda uma leva de escritores, artistas e artesãos sergipanos, considerada pelos estamentos da “cultura oficial” como desajustada.

Aqui, também, o fotógrafo Thiago Oliveira publica um ensaio fotográfico - acompanhado de um relato sincero e tocante - sobre o ícone LGBT Magnólia.

O artista plástico Véio tem o seu sucesso registrado em matéria assinada por Ribeiro Filho; a exitosa Orquestra Sanfônica de Sergipe e o lançamento do livro “Álvaro Santos Memórias”, da jornalista Ilma Fontes, também.

Seis novíssimos talentos, na área da música popular, são apresentados em artigo assinado pelo jornalista Rian Santos e o poeta Antonio Torres publica uma mostra do seu trabalho.

Duas grandes personalidades da vida pública sergipana são lembradas nesta edição: o jornalista Orlando Dantas em matéria assinada por Paulo Brandão e o ex governador Augusto Franco, em extenso depoimento assinado pelo acadêmico Albano Franco.

Finalmente, o escritor Rangel Alves da Costa descreve a riqueza da cultura sertaneja e o historiador José de Almeida Bispo discorre sobre a revolta dos Curraleiros, um episódio pouco conhecido da historiografia sergipana.

Boa leitura

Amaral Cavalcante - Editor



Capa: Ilustração de Felipe Ferreira

	04	Fanzines <i>Adelvan “Kenobi”</i>		24	Sanfônica: novos caminhos musicais <i>Lucas Campelo</i>		48	Augusto Franco: as escolhas de um homem obstinado <i>Albano do Prado Franco</i>	su m ár io
	12	A arte universal de Véio <i>Ribeiro Filho</i>		28	Magnólia <i>Tiago Oliveira</i>		56	Culturas, tradições e resistências no sertão sergipano <i>Rangel Alves da Costa</i>	
	16	Sangue novo na aldeia <i>Rian Santos</i>		42	Orlando Dantas: um homem incomum <i>Paulo Roberto Dantas</i>		64	Curraleiros: uma história esquecida <i>José de Almeida Bispo</i>	36 - Ilma Fontes e as memórias de Alvaro Santos <i>Maria Adélia Mota da Silva</i>
									38 - Poesia <i>Antonio Torres</i>

Fanzines

Adelvan “Kenobi”

Fanzines são publicações amadoras e artesanais dirigidas, geralmente, a um público específico: são produzidas por fãs para fãs – de rock, quadrinhos, ficção científica, etc. A palavra, em si, é um neologismo oriundo da união das palavras Fan(atic) e magazine, ou revista de fã(-nático). O termo foi cunhado nos Estados Unidos no início do século passado e popularizado, a princípio, entre os fãs de ficção científica, mas tomou um novo impulso no final da década de 1970 com o advento do punk rock e sua filosofia “*Do It Yourself*”, “Faça você mesmo”. A partir daí se tornou o principal veículo de divulgação da cena do rock independente e *underground* em todo o mundo.

No Brasil os primeiros fanzines de que se tem registro datam da década de 1960 e também circulavam entre fãs de ficção científica. A partir dos anos 1980 começou a se formar uma grande rede de circulação de informações subterrâneas voltada principalmente para os universos do rock e das histórias em quadrinhos, fenômeno que perdurou até a popularização da internet, no final da década seguinte.

Em Aracaju, o pioneiro neste tipo de publicação foi Silvio Campos, que já produzia seu “Arakarock” – todo feito a mão, de próprio punho – no início da década de 1980. Seu envolvimento com o punk rock fez com que iniciasse em 1986



Fotos zines: escarronapalm.blogspot.com.br

“EU COMECEI A ME INTERESSAR POR ROCK A PARTIR DO PRIMEIRO ROCK IN RIO E DA LEITURA DA REVISTA BIZZ E RESOLVI FAZER MINHA PRÓPRIA PUBLICAÇÃO – PORQUE TINHA CIÚME DE EMPRESTAR MINHAS REVISTAS!”

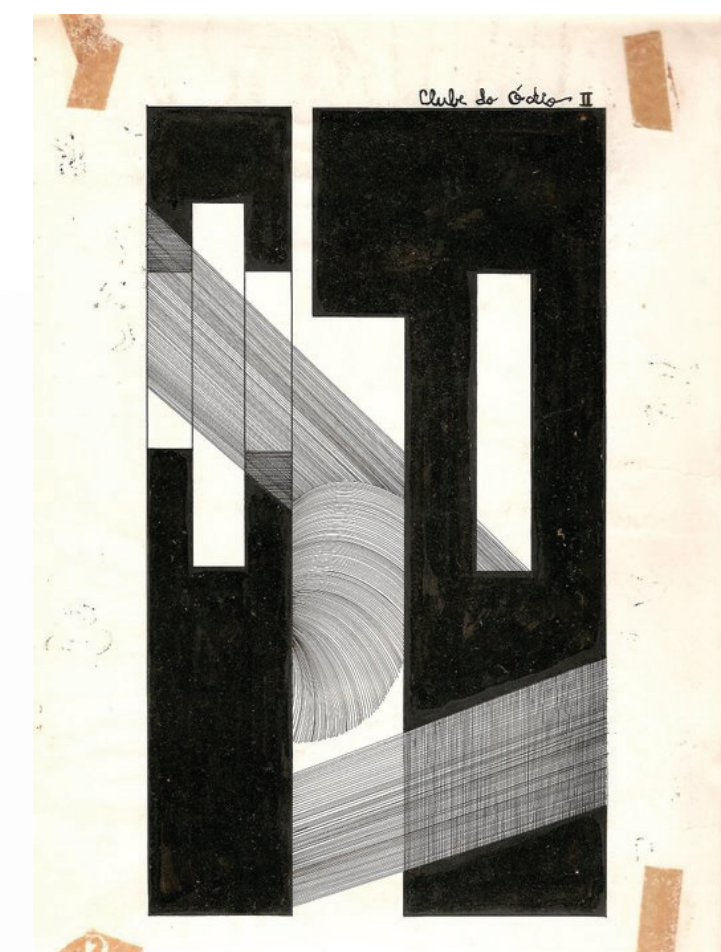
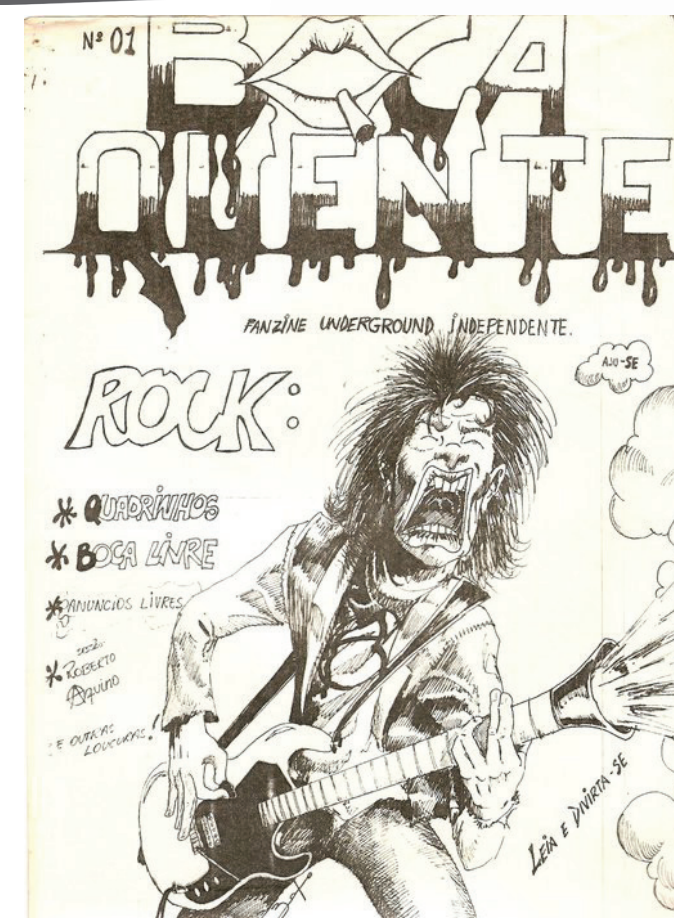
a publicação do “Buracaju” – este já datilografado –, certamente a mais importante publicação do estilo na época. Era voltado à divulgação de bandas e do movimento anarquista e teve grande circulação nacional, via correios, sendo o maior responsável pela divulgação da embrionária cena roqueira local.

Circulava também na época o “Seduções ecológicas” – publicado por estudantes da UFS com temática voltada à ecologia –, o “Clube do ódio” – mais “cabeça”, literato, meio beat, que tinha entre seus colaboradores Helder “Podre”, hoje DJ Dolores –, “Boca Quente”, de Roberto Aquino, e o “Centauro sem cabeça”, do

poeta e capoeirista Nagir Macaô. Esta movimentação acabou chegando até mim em Itabaiana, onde morava – e onde eu na verdade já publicava um fanzine, o “Napalm”, sem ter consciência disso. Eu comeci a me interessar por rock a partir do primeiro *Rock in Rio* e da leitura da revista Bizz e resolvi fazer minha própria publicação – porque tinha ciúme de emprestar minhas revistas! Como não conhecia o termo, chamava de “apostilha”.

Na década de 1990 meu fanzine passou a se chamar “Escarro Napalm”.

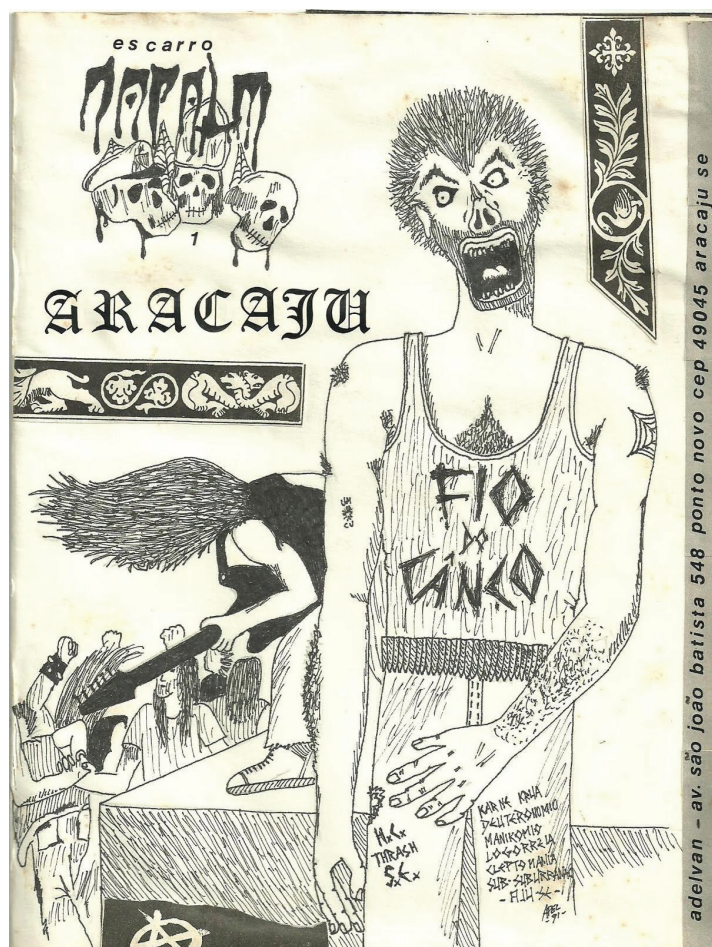
Era xerocado e teve seis edições, com periodicidade mais ou menos semestral e tiragem de 100 a 150 exemplares distribuídos pelo correio. O número 2 foi publicado em conjunto com o “Buracaju” de Silvio. O formato era meio ofício, com as páginas dobradas e grampeadas, simulando uma revistinha mesmo. Foi o formato que Silvio também passou a adotar para seu “Buracaju”. Ele também publicou, na época, um fanzine maior, tamanho A4, chamado “Microfonia”. Silvio era um exímio diagramador autodidata: gostava de experimentar com texturas de fundo e colagens decorativas, além de usar muito bem os novos recursos que as copiadoras disponibilizavam na época, com edições em cores diferenciadas, como azul ou vermelho – às vezes duas cores numa mesma página, o que encarecia o produto, mas produzia efeitos diferenciados. Ele publicou também o fanzine “Ultralibido”, mais erótico e escrachado, e o informativo “A Bomba”, que consistia de uma única página impressa dos dois lados e dobrada em formato de folder. Este formato, mais barato tanto para copiar quanto para man-



dar pelo correio, foi adotado por um grupo de punks anarquistas em seu informativo “Humanismo”, que teve circulação expressiva, com numeração alta e periodicidade regular – fato raro.

Outros punks seguiram o exemplo de Silvio e passaram a publicar seus próprios fanzines no início da década de 1990. Os que mais se destacaram foram o “Brigada de resgate”, de Jall Chaves, um baiano de Alagoinhas radicado na cidade, e o “Zoadá”, de Cícero “Mago”. “Mago” publicou também o “Muda Expressão”, que não tinha texto, era feito só com colagens de frases e imagens recortadas. Cícero é irmão de Jamson Madureira, notório artista gráfico que colaborava com capas de fitas demo e ilustrações para diversos fanzines – chegou, inclusive, a ilustrar dois livros, do poeta

“COM A POPULARIZAÇÃO DA INTERNET A CIRCULAÇÃO DE FANZINES XEROCADOS PELO CORREIO FOI MINGUANDO ATÉ PRATICAMENTE DESAPARECER.”



adelvan - av. são joão Batista 548 ponto novo cep 49045 aracaju se

Araripe Coutinho e do depois ministro do Supremo Carlos Ayres de Brito. No final da década de 1990 Madureira costumava aparecer esporadicamente pelas ruas da cidade com mais uma edição das histórias em quadrinho de seu personagem fixo, “Automazzo”. “A Amante do mutante”, a primeira, é antológica, marcou época.

A primeira metade da década de 1990 foi a mais rica para os fanzines em Aracaju. A partir da troca de ideias entre malucos das mais diversas tribos urbanas que frequentavam as escadarias da Catedral e as lojas “Lókaos” e “BR Records”, especializadas em *rock underground*, foram surgindo publicações como “Furúnculo no cérebro” - uma publicação da “Zé Guiaba produções artísticas”, de Teleu; “Entropia indiscreta” e “Acatalepsia”, de Furia; “Sinagoga’s Butterfly” - mais “cabeção”, voltado para a filosofia e a literatura, publicado a seis mãos por Dani Maya, Sérgio “Dedão” e Clark Bruno; “Mouth Stranger”, de Estranho e Carlos “Mouth” - que focava no Heavy Metal; e o maior e mais célebre de todos, aquele que alcançou visibilidade nacional e é considerado



até hoje um dos melhores fanzines já publicados no Brasil: o “Cabrunco”.

O “Cabrunco” era o que se chamava na época de “pro-zine” – mais profissional, com cara de revista. Era editado, principalmente, por Adolfo Sá, que posteriormente se formou em jornalismo pela UFS – seu TCC foi sobre fanzines -, com a ajuda de Rafael Jr., baterista da Snooze, nas sessões dedicadas à música, e de Márcio “de Dona Litinha” – hoje vocalista da Naurêa – falando de literatura. Foi xerocado até o número 6. O número 7 teve capa colorida e foi impresso na Gráfica Digital. O 8 na Gráfica da UFS. Era bancado, principalmente, por anunciantes, por isso tinha uma tiragem bem maior que o usual. Chegou a chamar a atenção da imprensa nacional, sendo eleito, ao lado do “Papakapika”, do Paraná, um dos dois melhores fanzines do Brasil. Não se

CABRUNCO

ZINE

Ano 1 nº 3 agosto/setembro 1995 Aracaju - SE



OS HERÓIS DOS QUADRINHOS INVADEM O CINEMA

CABRUNCO

ZINE

Ano 2 nº 7 julho/agosto/setembro 1996 Aracaju - SE

YES, NÓS TEMOS

RS 1,00



TRASH MOVIES

Fotos do zine "Cabrunco": blog.vivalabrasa.com

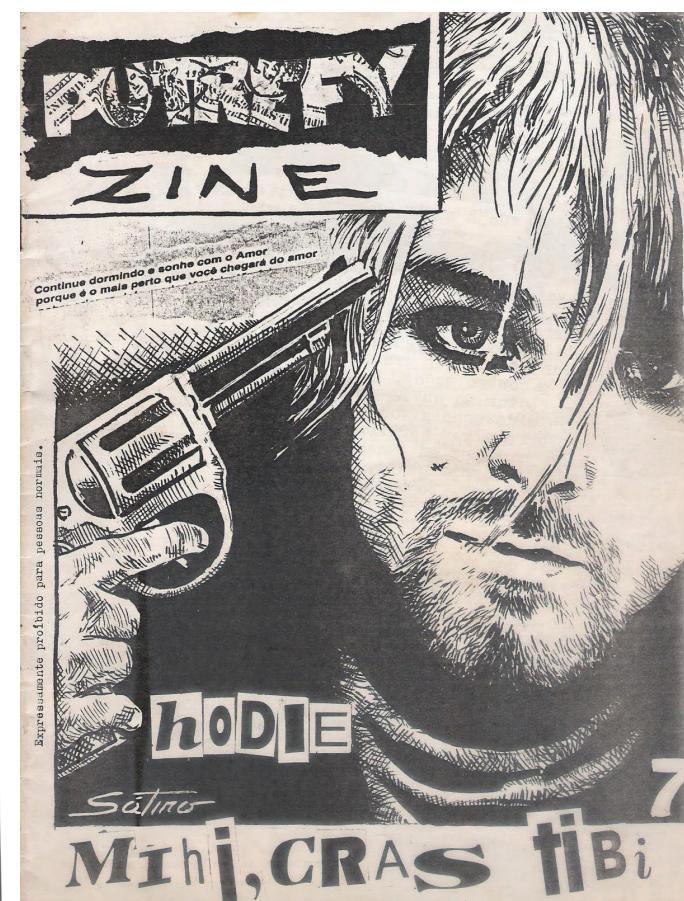
prendia a um tema específico, mas dava grande destaque à cena roqueira local, com resenhas de shows, discos e fitas "demo". Publicou entrevistas antológicas com Mundo livre S/A e Zenilton, que eles encontraram por acaso, de "rolê" na rua – ele morava em Aracaju. Em pleno auge de sua redescoberta via Raimundos, o forrozeiro veterano, rei do duplo sentido, foi emparedado pelos "cabrunquentos" e se saiu com pelo menos uma declaração bombástica – e antológica: "Eu tô achando é bom que esses minino novo me descobriam. Agora quero aproveitar o sucesso, quero mais é morrer emacalhado e com AIDS, comendo essas minina novinha". Todas as edições do "Cabrunco" estão disponíveis para download em pdf no blog de Adolfo: blog.vivalabrasa.com.

Surgiu também, nesta época, um fanzine no interior, o "Putrefy", publicado em Estância por Alberto "Pereba" – que hoje, atente o estimado leitor para as voltas que o mundo dá, é padre! Era escrotís-

simo, com sátiras engraçadíssimas, algumas "impublicáveis" em qualquer veículo minimamente respeitador da moral e dos bons costumes. Sua personagem "Jezebel, a puta", era antológica! Já na primeira década do século XXI aconteceu uma interessante movimentação "fanzinística" em Itabaiana, com títulos como "Xibiu", "100Palavras", "Rosebud", "Vitrola de papel", "The Cool Megafun Zine", "Fun Zine" e "Tico Tico no Fullbach", que iam da poesia – Samara era a musa local desta seara – ao rock de garagem, passando por muita polêmica e fofoca. Foi uma época intensa na cidade serrana, com toda uma movimentação roqueira *underground* gravitando ao redor dos shows que aconteciam no Bar "Casagrande", uma espécie de CBGB "ceboleiro", com bandas como Karranca, Dr. Garage, Urublues e Carburadores.

Com a popularização da internet a circulação de fanzines xerocados pelo correio foi minguando até praticamente

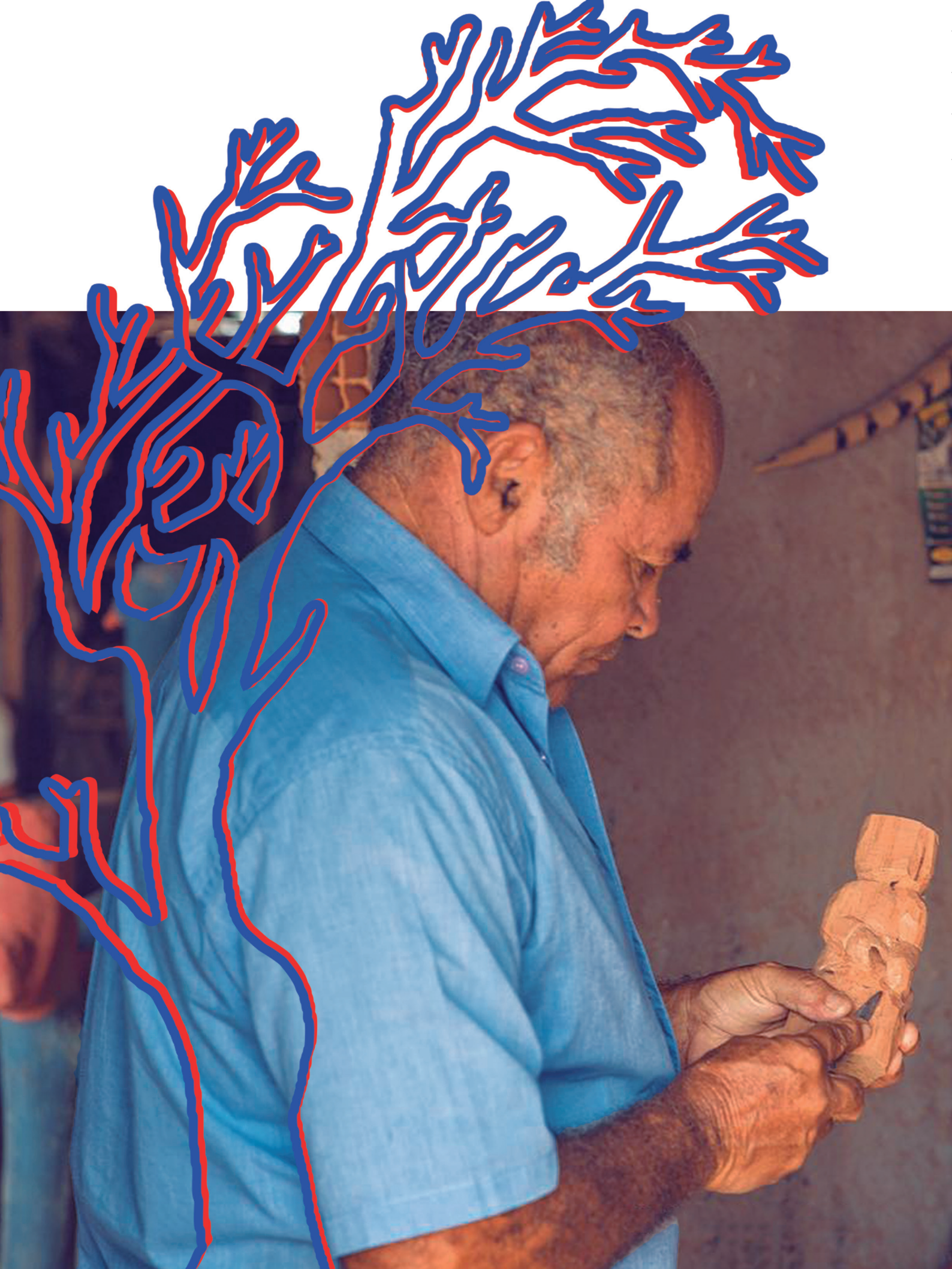
desaparecer. No limiar do novo século poucos nomes surgiram por aqui – lembro apenas do "Cartão Postal", que era publicado por Eduardo Costa e Carol. Até Silvio, incansável, parou de "fanzinar". Mas há resistência: um jovem franzino e entusiasmado, chamado Aquino Neto, tomou gosto pela coisa através da "fanzinoteca" improvisada que o "velho guerreiro" manteve por algum tempo em sua loja, a "Freedom", e passou a publicar um novo fanzine chamado "Guerrilha", todo feito à mão. Recentemente lançou o "Linhas Tortas", muito melhor elaborado, e segue na atividade com uma distribuidora de publicações alternativas chamada "Café com veneno", onde publica, dentre outros, os desenhos do talentoso itabaianense Maicon Rodrigues. Também em Itabaiana temos Adilson Lima, que produz quadrinhos divertidos e ilustrou a capa do novo disco da banda de *thrash metal* sergipana Berzerkers. Fora isso, "vira e mexe" me deparo com algum fanzine novo na Freedom, como "O Velho punk", do



veterano Robério "Nininho", ou em banquinhas de shows de rock, como o "Ouija", de Marcio Tiago, ou pequenas publicações punks e feministas.

Recentemente, estive numa feira de publicações alternativas no Museu da Imagem e do som de São Paulo, a "Feira Plana". Nem sabia que existia, mas existe, e é impressionante: muita gente! Cheguei atrasado para uma palestra sobre a série "Zine é compromisso", da revista Vice, que havia me entrevistado. Ao me ver por lá, o camarada Marcio Sno – maior pesquisador e divulgador do universo "fanzinístico" no Brasil – passou a me apresentar aos amigos como "uma lenda viva, o cara que foi mencionado no auditório, que fazia fanzine sem saber o que era fanzine no interior de Sergipe na década de 1980".

O mundo, realmente, dá voltas. C



A Arte Universal de **Vêio**

por Ribeiro Filho

O escultor Vêio que tem o nome de batismo Cícero Alves dos Santos é, sem sombra de dúvida, o artista sergipano de maior projeção nacional e internacional. O artista tem uma vida simples num pequeno lote de terra às margens da rodovia que liga Nossa Senhora da Glória a Feira Nova. Contudo, simplicidade não é bem a palavra para definir esse espaço físico; quem passa pela rodovia contempla, a uma pequena distância, a galeria à céu aberto onde Vêio expõe sua 'Nação Lascada'.

As esculturas estão expostas a priori de forma aleatória, mas quem resolve parar e fazer uma visita ao artista terá uma apresentação cheia de histórias de vida. As histórias e as identidades de cada ser criado pela imaginação e observação do mundo através da ótica de Vêio. Cada personagem é um ser vivo, com identidade própria e com traços marcantes de personalidade emprestada por pessoas da sociedade real, do mundo da vida.

Vêio tem uma cosmovisão bastante crítica e idílica da sociedade que o cerca. Ele traz para suas obras traços marcantes do caráter das pessoas e dos

lugares por onde passa. É um observador natural da sociedade e é desse mundo real que ele cria os personagens de sua Nação. Como um Deus, ele lhes dá vida e uma história de vida.

O admirador de arte que pretende adquirir uma obra de arte de Vêio, certamente terá que ouvir do autor a história de vida do ser extra humano que habita aquela escultura, suas características e o traço de personalidade mais marcante, aquilo que o diferencia dos outros seres de sua Nação polissêmica. O traço mais forte que ele coloca em evidência em cada escultura traz virtudes e defeitos humanos, nos quais ele expõe sua crítica às vaidades e mazelas do ser humano.

Como um criador de arte e brincando de "Deus" do seu próprio mundo, Vêio transita com desenvoltura nos mais variados ambientes artísticos do Brasil e do exterior. A sua linguagem é crua e poética, traquejo de homem forjado na têmpera do sol. Vêio é um profundo conhecedor da saga cultural do agreste sergipano. Assim, como criador e criatura, ele conduz sua Nação Lascada pelas principais galerias de arte do país e do mundo.

Foto: Laino Goes





Foto: Divulgação/Marni



Foto: Divulgação/Galeria Estação

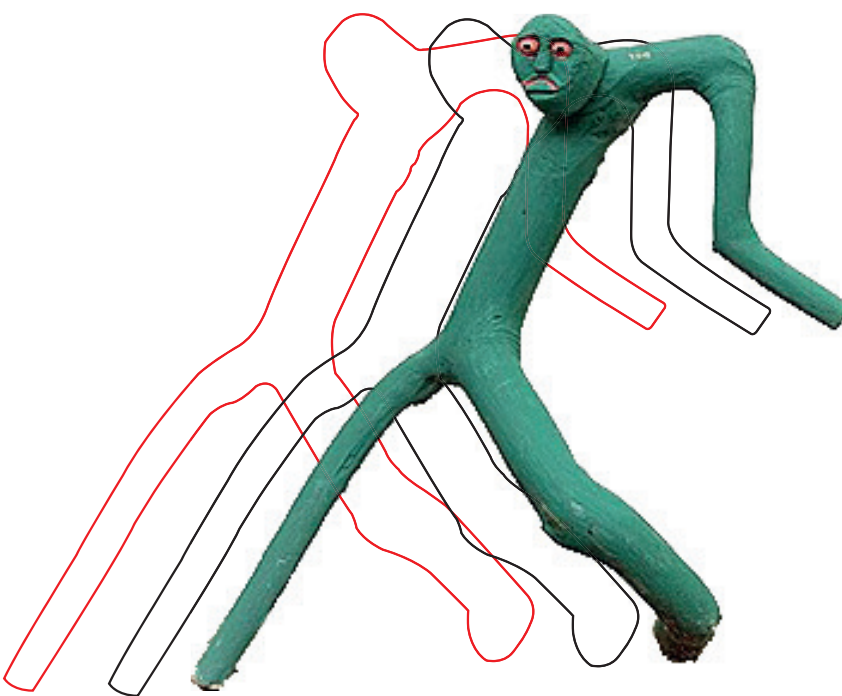


Foto: Divulgação/Galeria Estação

Onde lhes faltam as palavras e o domínio da língua estrangeira, falam por si e por ele as suas criaturas, suas criações com vida única, com expressões e histórias pulsantes. Elas se apresentam, representam e causam reflexão tal qual o seu escultor-criador. Agora, elas têm vida própria e uma história expressiva que lhes confere visibilidade, percepção e reconhecimento universal.

A Galeria Estação localizado no bairro elitizado de Pinheiros, em São Paulo, é um dos lugares onde o escultor tem espaço frequente para expor suas obras de arte. Veio já realizou quatro exposições na Galeria Estação.

No ano 2012 Véio foi convidado para duas exposições na Fundação Cartier para a Arte Contemporânea, em Paris. Com título “Em Memórias Vivas”, a exposição celebrou os 30 anos da Fondation Cartier, que teve vários protagonistas nesses 30 anos de sua existência. Vários convidados de honra mostraram sua arte nessa galeria, dentre eles, o brasileiro Véio, artista sergipano que foi convidado a expor suas esculturas primitivas em madeira. A primeira exposição de Véio teve duração de um mês

e na segunda suas obras permaneceram na Fundação Cartier por dois meses.

Com o título “O Sertão vai Virar Mar”, Véio realizou uma exposição individual na Bienal de Veneza no ano de 2015. A exposição aconteceu no Palácio da Abadia de San Gregório, em Veneza-Itália, com curadoria de Stefano Rabolli Pansera. Essa exposição fez parte das

“A exposição *O Sertão vai Virar Mar* fez parte das comemorações do aniversário de 20 anos da grife italiana Marni e ganhou as páginas da revista *Vogue Italiana*.”

comemorações do aniversário de 20 anos da grife italiana Marni e ganhou as páginas da revista Vogue Italiana.

No ano passado, Véio recebeu o Prêmio Destaque do Itaú Cultural, espaço cultural do Banco Itaú, localizado na Avenida Paulista. Além do Prêmio, o escultor sergipano teve duas obras na exposição comemorativa dos 30 anos do Itaú Cultural. A exposição coletiva do acervo do Itaú Cultural aconteceu na Oca do Parque Ibirapuera, em São Paulo. A Oca é um espaço destinado a grandes exposições e é um marco arquitetônico de Oscar Niemeyer.

No Rio de Janeiro o escultor Sergipano teve duas exposições importantes: a primeira em uma galeria em Ipanema e outra no Museu do Folclore Edison Carneiro, localizado no Palácio do Catete.

Apesar de levar o nome do estado de Sergipe para importantes centros de arte do Brasil e do mundo, Véio vive em condições difíceis e por onde passa reclama da falta de reconhecimento e de apoio das autoridades sergipanas. **C**

Sangue novo na aldeia

Por Rian Santos

Jovens de mãos limpas, como num verso de Belchior, os novíssimos da Cena Serigy tomaram os palcos da aldeia com uma postura em si mesmo venturosa. Inteligência e vivacidade já conquistaram os macacos velhos em volta. Resta, agora, se jogar nos braços da geral e cair nas graças de um público mais abrangente.

Que assim seja. A cultura ocidental, uma partida de dados lançados por crianças fedendo a mijó, de Rimbaud aos punks ingleses, é repleta de esforços em tudo parecidos. Verdade é que a música de Lau Lau, Yves Deluc, Tori, e o resto dessa turma, já é percebida como um anúncio. Jogando o corpo no mundo, eles declaram em alto e bom som: estão aqui, mandando brasa!



Lau Lau. Foto: Catarina Ribeiro.

Lau Lau

Para se apresentar despido de artifícios, nu com a sua música, o compositor tem de ter muita confiança no próprio taco. Não é qualquer canção que se sustenta de pé sem muitas camadas de informação. Pois Lau Lau é dos poucos capaz de defender suas crias munido apenas do mínimo. Voz e poesia com muito tutano. E está bom demais.

Verdade seja dita: Aqui é um pedaço de chão repleto de músicos de mãos cheias e raros letristas mais ou menos competentes. Lau Lau, entretanto, é um fazedor de versos muito acima da média. Mais do que resvalar em rimas de amor e dor, o seu trabalho ultrapassa os refrões mais fáceis em construções repletas de alusões francamente insólitas e imagens poderosas.

Cidade Dormitório

Quando uma banda consegue antecipar o climão do próprio repertório já no batismo do primeiro EP, é forçoso admitir, ao menos, a capacidade de síntese. É justamente o caso da Cidade Dormitório. ‘Esperando o pior’ entrega tudo o que o título do registro promete: não há nem uma vírgula de otimismo nas composições assinadas pelo guitarrista Yves Deluc.

O registro confirma a boa impressão deixada pela banda, desde as suas primeiras aparições no *underground* nativo. Rock de inflexão lombrada. Humor auto depreciativo, *low profile*, e uma inclinação acentuada para o drama.

Nota à margem: O projeto gráfico do EP foi ilustrado com o trabalho do artista visual Flávio Antonini. Os malditos se reconhecem de longe.



Cidade Dormitório. Foto: Luan Allen.

Tori

A cantora e compositora Vitória Nogueira, a menina Tori que assina o transbordante ‘Akoya’ (2016), é de uma geração ansiosa pelo descobrimento do Brasil. Embora ainda não tenha sentido na pele o maior bocado da vida – presume-se pelos 16 anos de sonho, sangue e América do Sul, contados à época do lançamento –, é capaz de versos desaguando em mares e naufrágios. A sonoridade ancorada na MPB edulcorada de Cícero e Jeneci ainda carece de horizontes mais amplos. O marulho no interior da concha aqui oferecida aos ouvidos, no entanto, faz sim um barulhinho bem bom.

Atenta aos sinais, Tori sugere mais do que afirma, ciente apenas dos sustos

“VERDADE É QUE A MÚSICA DE LAU LAU, YVES DELUC, TORI, E O RESTODESSA TURMA, JÁ É PERCEBIDA COMO UM ANÚNCIO. JOGANDO O CORPO NO MUNDO, ELES DECLARAM EM ALTO E BOM SOM: ESTÃO AQUI, MANDANDO BRASA!”

que lhe animam o coração. Meio índia, conversa com o céu e as marés o tempo inteiro, como se vislumbrasse nas forças da natureza um reflexo dos próprios impulsos. Tudo gira ao redor de seu umbigo, exceção feita à afirmação de gênero da faixa 'Narciso'. Mesmo quando entoia um discurso de resistência, contudo, ela jamais perde a ternura.

'Akoya' comunica uma disposição aventureira para a imensidão azul do mundo. E ainda contraria Nelson Rodrigues, para quem a juventude é a mais estúpida das virtudes. Pois eu digo que a moça não mergulharia tão fundo e bonito com o peso de alguns anos a mais nas costas.

Nicole Donato

Embora não tenha ainda um disco assinado com o próprio nome, Nicole Donato é presença mais ou menos frequente nos palcos daqui, e encarna hoje a promessa mais segura da cena. Não por acaso, a moça colocou o dedo em colaboração no EP 'Insônia' (2017), do padrinho artístico Alex Sant'Anna. O compositor se dispôs à voz emergente do mulherio. E Nicole fez participação especial na faixa 'Fudeu', ponto alto do registro.



Tori. Foto: Jéssica Dias.



Nicole Donato. Foto: Felipe Goettenauer.



Gabriel Galvão. Foto: Nathalia Liz.

Gabriel Galvão

Gabriel Galvão não dorme no ponto. Chegou no terreiro sem pedir licença, jogando o inspirado clipe da canção 'E apagou a luz' na rede. Trata-se de uma evocação afetiva à figura terna de sua avó, explica o *release* do vídeo dirigido pelo xará Gabriel Viana, que conseguiu chamar mais atenção do que um EP lançado antes, meio em surdina. O recurso audiovisual, no entanto, não se sobrepôs à canção, capaz de assombrar o ouvinte surpreendido por sua força melódica ao longo de dias inteiros, insistente.

Bia Ferreira. Foto: Joel Dias.



Bia Ferreira

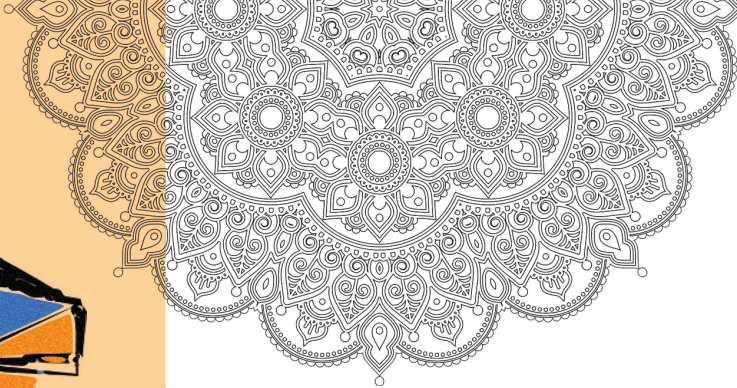
Bia Ferreira talvez seja a mais perfeita encarnação dos imperativos sensíveis do tempo presente na música Serigy. Mulher de pele preta, ela faz do exercício artístico militância social, com uma voz de potência singular e inflexão black. E assim resiste, com muito amor e alguma raiva, e se afirma criativamente. **C**



SANFÔNICA

novos caminhos musicais

Por Lucas Campelo



Sanfônica, nome que representa uma nova primavera, um novo ciclo da nossa Orquestra Sanfônica de Aracaju, ampliando a possibilidade e diversidade do fazer acontecer, continuará fortalecendo a valorizando a música nordestina e a cultura regional. A história da sua constituição revela que a Orquestra Sanfônica de Aracaju nasceu há 10 anos (2007) através de um projeto desenvolvido pela gestão do então prefeito da cidade de Aracaju, Edvaldo Nogueira. Desde o início de sua caminhada, um grande grupo de aproximadamente 26 sanfoneiros, alguns dos mais atuantes no cenário musical de Aracaju, foram convidados e selecionados para sua primeira formação assumindo seguir a diante na boleia do destino trazendo em seus matulões sanfonas, verdades e inspirações. Percussionistas, baixistas, regente e sub-regente compunham toda a família Sanfônica.

Para a construção dessa família ter suas raízes profundas, um dos aspectos mais cuidados afim de manter o equilíbrio do grupo, foi e tem sido, a busca pelo caráter da coletividade, objetivando assim, construirmos um convívio mais conectado no dia a dia entre seus integrantes, principalmente nos momentos de aprendizagem. Aspecto esse nada fácil ao observarmos o tamanho do grupo que na atualidade é composta por 12(doze) sanfoneiros, 3(três) percussionistas e 1(um) baixista. Ao mesmo tempo que as diferenças de personalidades são convertidas na solidez do grupo, traduzida no respeito entre todos, onde e no tocante aos momentos de aprendizagem as experiências

são compartilhadas e as relações afetivas são consolidadas durante a troca de saberes.

No que tange os saberes musicais, sua estrutura musical é inspirada na divisão por naipes, ou seja, grupos de sanfoneiros que estejam executando as mesmas partes musicais, sejam melodias, acompanhamento ou detalhes melódicos, com afinidades de timbres, compõem um mesmo naipe. Dentro de cada naipe existe a figura do chefe de naipe, sanfoneiro responsável por ensinar, demonstrar, transmitir o conhecimento musical aos companheiros de naipe, que atualmente possui uma característica que representa a história da aprendizagem da sanfona, principalmente no nordeste do Brasil, a oralidade. Característica essa que na atualidade do universo da Sanfônica acontece de maneira onde os arranjos musicais compostos pelo Maestro Evanílson Vieira e os chefes de naipe, são compartilhados na observação, no olhar, na imitação, em tirar de ouvido, sem a utilização da partitura. Evidentemente que nada impede a utilização de partituras e/ou as diversas ferramentas de aprendizagens do músico profissional para atender e suprir a necessidade de cada integrante.

Na composição desses arranjos, um repertório vem sendo construído buscando fomentar a pluralidade musical que o instrumento abrange. Fruto dessa semente enraizada na pluralidade musical, diversos foram os ambientes por onde a Sanfônica tem caminhado como solenidades para o Estado e Municípios executando o hino nacional, eventos particulares para empresas com repertório de grandes clássicos.



sicos do repertório nordestino, formaturas, festivais, programas de tv como o altas horas ao lado de Dominginhos e Targino Gondim, eventos mais direcionados a cultura e identidade nordestina como o Fórum do Forró(SE), bem como representando Sergipe em diversos eventos fora do estado do sudeste ao Nordeste. Entre tangos, valsas, milongas, choros, canções, forrós, xotes e baiões, a Sanfônica tem construído rotas artísticas onde o caminhar revela a construção de sua versatilidade musical, “atravessando assim diversos mares e oceanos”, como ressalta o atual Manager da Sanfônica, Bono da Costa.

Dessa versatilidade e desses dez anos de experiências, representando nossa identidade cultural nordestina, sobretudo brasileira, novas perspectivas, novas janelas, novos caminhos se abrem como resposta a dinâmica da vida, e a Sanfônica renova se. Atualmente, o grupo firma uma nova parceria com o manager Bono da Costa(ME), afim de alçar novos vôos, entre turnês nacionais e internacionais, assim como, representar nos em outras profundezas mundo afora. Para dá significação a nova proposta pretendida emergiu a nomeação “Sanfônica”.

Com a nomeação Sanfônica emerge mais uma pluralidade e versatilidade em sua formação musical representada, no momento, por 7(sete) componentes sendo 4 sanfoneiros, 2 percursionistas e 1 baixista; um novo formato de show e espetáculos consolidando o conví-

vio estético entre nossas raízes culturais, personalidade musical refletindo em releituras de outros repertórios; produção de repertório autoral com nossas principais influências culturais; Um novo projeto, para um futuro breve, também surge intitulado de Instituto Sanfônico de Aracaju(ISA) com o intuito de ser mais um local de fomento a cultura nordestina voltada as práticas musicais da sanfona, seu ensino e aprendizagem; Novas posturas de profissionalismo sempre sustentadas na lavoura do trabalho árduo do dia a dia, na semeadura do estudo musical afim de colher os frutos de conseguirmos oferecermos um trabalho musical digno de nos representarmos culturalmente, nordestinos, brasileiros, ser humanos e promovermos os nossos reencontros com nossas histórias e essências do amor.

Finalizando com os pés no mundo em busca de disseminar nossa cultura e poder voltar para os nossos aconchegos, agradecemos a oportunidade de podermos contar um pouco de nossa história nesse espaço, parabenizamos essa atitude para com o fomento de nossa cultura e estendemos o agradecimento a cada sanfoneiro que por onde quer esteja nos representa com sua sanfona, com sua história nordestina, com suas saudades e lembranças de suas andanças. E como toda boa oração desejamos bons caminhos, principalmente de tempos melhores sem medo nem temeridades. 

Oração de Sanfoneiro (Xico Bezerra)

Seu sanfoneiro muito obrigado,
O meu verso cantado é pra te agradecer
Com esse xote marcolinizado
E o baião gonzagueado que so tu sabe fazer
Com a sanfona aguarrada no peito
Sustenidos satisfeitos puxados do coração
Bemóis saindo de dedos malinos
Verdadeiros bailarinos no bale do meu sertão.



Magnoília

Texto e ensaio fotográfico por Tiago Oliveira



Meu lugar de fala

Durante muito tempo, eu acreditei que ser gay fosse a pior das condições humanas, no que diz respeito à sexualidade e aos papéis de gênero, por ser essa a minha condição e porque conheço intimamente os traumas causados pela homofobia e pela violência simbólica e psicológica pelas quais passam a grande maioria dos homossexuais, inclusive dentro do próprio seio familiar. Mas alcançamos uma época em que os gays conseguiram, à custa de muita luta, leis que visam garantir nosso bem-estar social e os nossos direitos de cidadão comum. É claro que o que precisamos está para além do reconhecimento do Estado, precisamos especialmente de respeito à nossa condição sexual e ao modo como a expressamos.

A conquista da lei de aprovação do casamento LGBT, por exemplo, é um marco, e não se trata do casamento em si, o qual nem para os heterossexuais se apresenta como modelo perfeito de união





entre pessoas, se trata mesmo é do direito à escolha por proteger a quem se ama, pelas vias legais.

Mas apesar dos avanços conquistados pelo movimento LGBT, o grupo das pessoas transgênero, até pouco tempo, aparecia em segundo plano dentro do próprio movimento, quase como se não existisse. Atualmente, há ainda pouquíssima representatividade nos campos de batalha da política, o que é preocupante num país em que os grupos cristãos conservadores retomaram o poder com ainda mais força.

Os diversos tipos de violência sofridos por transexuais e transgêneros, no Brasil, permanecem frequentes, porém invisíveis, em nossa sociedade carente de empatia e informação mais honesta. Além da ausência dessas pessoas em diversas esferas e instituições sociais como escolas, universidades e empresas, sua imagem é comumente ridicularizada e criminalizada em diversos meios de comunicação.

Com pouca representatividade midiática e política, essa população continua à mercê de um imaginário sociocultural hostil e violento. Segundo a ONG Internacional Transgender Europe, o Brasil é o país onde mais ocorrem assassinatos de travestis e transexuais em todo o mundo. Um relatório dessa ONG, divulgado em 2014, aponta que, entre ja-

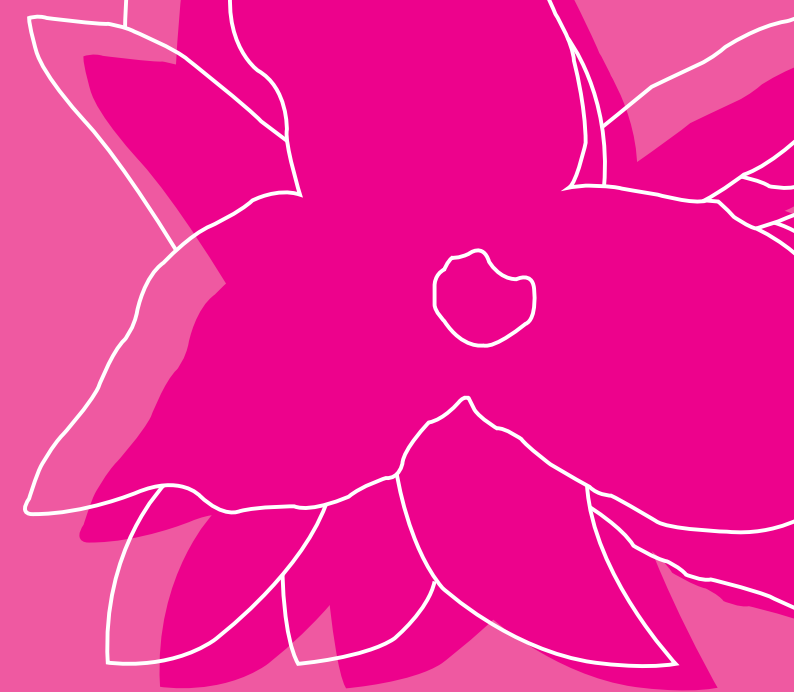
neiro de 2008 e abril de 2013, ocorreram 486 mortes, quatro vezes a mais que no México, segundo país com mais casos registrados.

Apenas nos últimos anos, a população transgênera no Brasil vem tentando protagonizar a transformação desse contexto, competindo com uma mídia de massa descompromissada com a grave situação de violência e total desrespeito aos direitos humanos dessas pessoas.

Assim, embora eu me entenda como vítima de discriminação da sociedade por ser homossexual, entendo também que falo do lugar de quem tem privilégios por ser homem e cisgênero, o que faz muita diferença quando se vive num mundo em que o binarismo de gênero é um paradigma social inviolável.

Magnólia: memória, invenção e esquecimento.

Magnólia nasceu em Aracaju, em 1948, e na infância, segundo ela mesma, tentou achar o arco-íris que a transformaria em mulher. Aos 16 anos





de idade foi levada à prostituição por gente influente da cidade e, aos 18, foi mandada a Santos na boleia de um caminhão, para amenizar o desgosto da família. Durante o período da ditadura, ainda em Santos, Magnólia foi presa várias vezes por vadiagem.

No ensaio fotográfico que fiz de sua figura, não tive a intensão de classificá-la como pessoa transgênera. Embora eu tivesse percebido a expressão do feminino na fala, na maquiagem e no modo de se referir a ela mesma, a imagem masculina que traz suas roupas me deixou confuso no início, porque até então eu era incapaz de alcançar a complexidade de sua identidade de gênero. Não ousei mais tentar denominá-la.

Quando fui visitá-la pela primeira vez, achei que a veria sepultada em sua casa, no centro da cidade, amargando a velhice como sobrevivente de uma vida de poucos prazeres, mas abundante de pequenas tragédias passionais cotidianas. Em parte, eu me equivoquei. Embora vivendo a precariedade e as limitações de um corpo idoso, ela vive o seu máximo, sem entrega à sua condição física.

Falou-me do nome Magnólia, não escolhido por ela, porém aceito sem contendas como símbolo de um destino.

**“A CICATRIZ
ESCONDIDA PELO
BONÉ LHE RECORDA
AS PAIXÕES,
QUE COMO A
CICATRIZ NA PELE,
PERMANECEM NA
FALA, NO OLHAR
E ENTRE SEUS
PENSAMENTOS”.**

A cicatriz escondida pelo boné lhe recorda as paixões, que como a cicatriz na pele, permanecem na fala, no olhar e entre seus pensamentos. Suas imagens se sobrepõem e se revezam entre as de um frágil corpo envelhecido de homem e as de uma mulher interior, que ainda pulsa inquieta e brava como muitas personagens interpretadas pela Elizabeth Taylor, a sua atriz preferida.

Revelou-me ainda uma Aracaju que já não existe, das boates e casas de shows que frequentava em sua mocidade, e de sua paixão de mais de trinta anos por um homem, filho de família tradicional e abastada da cidade, que ela ainda visita diariamente em sua solidão, para o desgosto dos parentes dele. Ambos vivem sozinhos, em casas separadas pelo preconceito, mas ainda querem um ao outro, em suas camas de solteiro solitárias.

Dias antes, eu a havia encontrado, por acaso, enquanto me reconciliava com o tempo, no bar de D. Lúcia. Ela vendia, apressada, suas bermudas para um e para outro no lugar. Numa conversa rápida, me disse que ainda “novinha”, brilhou aqui e no sudeste, mas, atualmente, vaga sem plumas, vendendo bermudas de nylon para complementar um benefício que recebe do governo.

Certa vez, ela disse a um amigo documentarista que adorava o filme “Gata em Teto de Zinco Quente”, e por um motivo simples: a personagem protagonista “Maggie, the cat,” (Elizabeth Taylor) era ela, talvez do mesmo modo como a Gena Rowlands em “Uma mulher sob influência” sou eu, algumas vezes.

Ocorre que, há muitos anos, quando ainda vivia em São Paulo, teve um amante alcóolatra que a agredia moral e fisicamente, mas que, segundo ela mesma, quanto mais ele a violentava com surras e maus tratos, mais ela o amava. E a Maggie, no filme, com resignação quase divina, aguardava o marido (Paul Newman) voltar a vê-la com os olhos do amor, entre insultos, whisky e humilhações.

Melhor é pensar que cada um sabe de si o que pode. E pior do que sofrer em nome do jogo perdido do amor é não saber engendrar para si mesmo realidades. 



ILMA FONTES E AS MEMÓRIAS DE ÁLVARO SANTOS

Por Sandra Natividade



Capa do livro.
Foto: Divulgação

Enfim, Álvaro Santos Memórias que alegria! Todos os trunfos para Ilma Mendes Fontes que finalmente publica o esperado livro trilíngue - no idioma pátrio, Francês e Inglês - chegar até aqui custou à autora uma luta titânica, mas conseguiu. Por trás da aparente estatura franzina pequenina mesmo reside Ilma Fontes com uma força de vontade gigante, força que extrapola seus limites físicos, uma profissional notável determinada que enfrenta as adversidades sejam elas de que matizes forem.

Ilma herdou do pai senhor Aderbal Fontes Góis funcionário público de moral ilibada, a honradez personificada na palavra dita e no cuidado com o próximo. A determinação da escriba começou cedo psiquiatra e legista por formação, trocou sem qualquer trauma a medicina pelo jornalismo, ativismo cultural e cinema uma ruptura opcional vitoriosa que dispensa comentários, a profissional brilha com intensidade em tudo o que faz, chega aos 50 anos de jornalismo mantendo com acurada mestria o conhecido jornal O Capital, como bem o designa, órgão de resistência ao ordinário.

Nas comemorações alusivas ao seu cinquentenário de profissão Ilma apresenta a cultura sergipana com literatura irretocável sob o título, Álvaro Santos Memórias. Um trabalho hercúleo que por incidentes de percurso hibernou 20 anos para sair melhor mais substancioso, assim como os bons vinhos e chega ao prelo com a chancela da ASI através do presidente Cleiber Vieira e a inestimável incursão do mecenas dr. Anderson Nascimento presidente da ASL, melhor impossível; daí na contracapa o leitor poderá observar instituições e, pessoa física no caso específico, o imortal Francisco Rollemberg, acreditaram no projeto vitorioso da arrojada jornalista. A autora não denomina a obra catálogo de artes, mas como um Relicário de lembranças, para mim ele representa importante catálogo que já enriquece a pesquisa e o acervo cultural deste Estado.

Ilma coletou pacientemente por mais de vinte anos a obra do propriaense Álvaro Santos filho de Verselina e Pedro Dozza dos Santos - irmão mais novo de Magnólia, Laudicéia, Maria José e Florival - de cátedra afirma que Santos além de pintor era livre pensador, poeta, crítico, escritor de muitas leituras, enfim um inte-

lectual reconhecido e respeitado pelos formadores de opinião da cidade de Aracaju na primeira metade do século XX.

Os enriquecedores depoimentos sobre Álvaro Santos não deixarão o leitor tirar os olhos da obra enquanto não chegar à última página. Como exemplo cito, o saudoso Santo Souza se reportou sobre Álvaro discorrendo a grandiosidade do artista sergipano, lembrando também dos momentos de folga... da boemia. Dom Luciano Cabral Duarte diz que a doçura da arte de Álvaro é inigualável, reconhece o profissionalismo do artista, dedicando em seu livro Estrada de Emaús um capítulo sob o título, Álvaro Santos e o Amarelo de Nápolis, transcrito na obra pela hábil autora.

Embevecida com a leitura, na certeza de que haverão muitas oportunidades de lançamento da obra Sergipe afora, congratulo-me com a autora e recomendo a aquisição e leitura de Álvaro Santos Memórias. 



A autora. Foto: Google



José Carlos Antônio Freitas Tôrres é sergipano de Canhoba e aposentado da Caixa Econômica Federal. Em 1986 editou pela Edicon o poemario Transluzir, e entre outras participou de coletâneas editadas pela Prefeitura Municipal de Aracaju, Universidade Federal de Sergipe e Governo de Sergipe. Integrou o grupo de colaboradores do Suplemento Cultural Arteliteratura (editado pelo acadêmico José Abud) do Jornal Gazeta de Sergipe, e fez parte do Grupo Corpoesia juntamente com Antonio Alvino Argolo, Dilson Ramos Lima, Paula e os saudosos Roberto Mozart, Lídia Dantas e Jaime Norberto da Silva. Esporadicamente publica poemas em uma rede social e colabora nos projetos da coluna Opinião do Professor José Couto, no Jornal O Alvoradense, RS

MULHER

Sou o fogo
do espírito
das águas
mar original
dos prazeres
onde cada homem
se afoga
e afaga sua sede
de luz
sem saber
dos espinhos e rosas
que guardei do paraíso
em meu olhar.

UM LOUCO CIGANO DELIRA AO OUVIR A MÚSICA DE BRAHMS

Sou um escritor de canções.
De canções ciganas,
que eu sou cigano
a dançar

no misterioso mundo dos teus olhos
e arder
em tua floresta de luz.

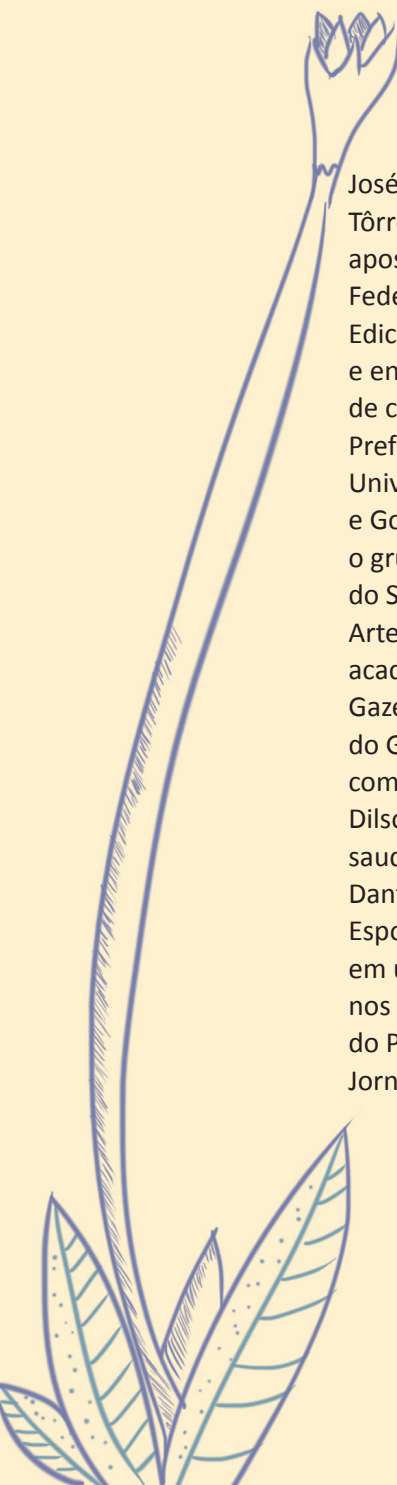
Sou um escritor de canções.
Das canções mais loucas,
que eu sou um louco
a ver estrelas
em teus olhos,
a me derreter
no ardor dos teus vulcões.

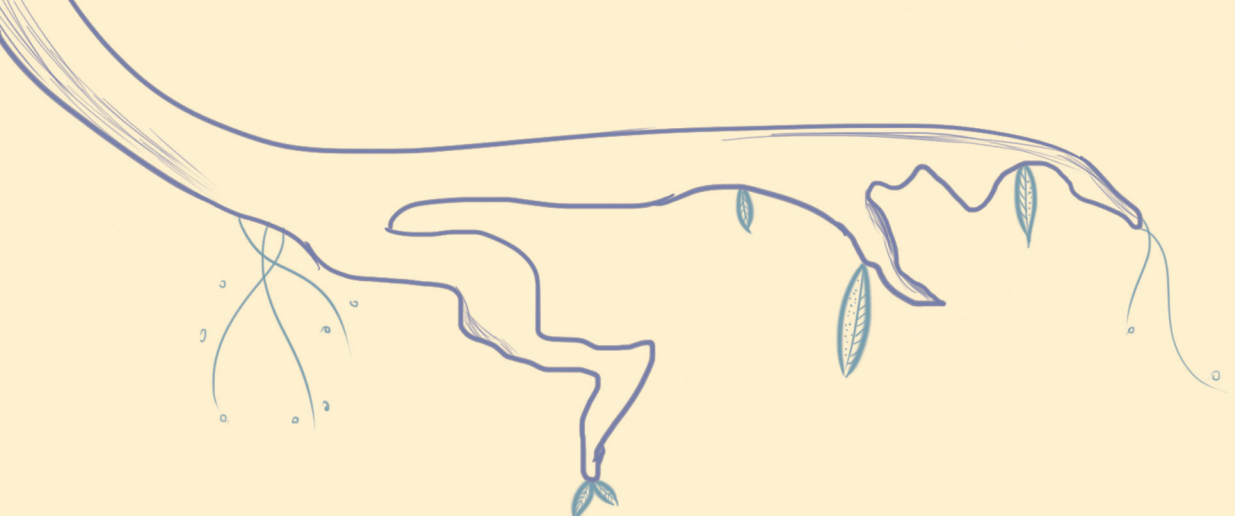
Sou um escritor de canções,
pois compor canções
é o sonho de loucos poetas ciganos
e as canções são sinais
de festa andaluz
a fazer pulsar mais forte
os corações.

O SILÊNCIO É UM BLUES QUE A ALMA CANTA

O silêncio
é uma canção
que os olhos cantam
quando a boca se engasga
com a torrente de emoções
e não vê o brilho
das palavras
que se oferecem
em profusão.

O silêncio
é uma canção
um blues
que a alma canta
inclusive
para que o coração
não se agite
demais da conta.





ALMA PORTUGUESA

Nada como estar em casa,
olhar as mesmas paredes,
calçar os sapatos velhos
e caminhar sobre o mesmo solo,
as memórias do mar
iluminando os olhos
no diálogo com os livros
guardiães de presumidas estantes,
enquanto se respira
o pó das emoções
na poesia de quem deseja
a alma do fado
como quem se entrega
aos beijos e abraços
com o coração dividido
entre o ficar ou partir.

PROFUNDIDADES

Profundo como o abismo
é o mar da memória,
um buraco negro da alma
a pulsar como uma estrela,
como a alma das flores
a sorrir com os olhares.

Profundo como o abismo
são os sonhos que sonhamos,
uma incrível viagem na imensidão
ou pelo coração da música
que ilumina as constelações
dos beijos ocultos em nossos
lábios.

Profundo como o abismo
desde sempre é o amor:
embriagador, instável, obscuro,
Impossível, inseguro, invencível!

MEU SILÊNCIO

Meu silêncio
é um arco-íris
dormindo
imensidades

um dragão
encurralado
na caverna
onde tece as chamas
que alimentam o coração
do tempo de esperas

um rio subterrâneo
de palavras

a imaginar
céus e horizontes
a sonhar
com a luz de outros olhos
e o beijo
de outras bocas.

FLOR SOLAR

Confieso que el arte
sobre mí tiene poder,
y delante de su magia
ya no sé
si sueño o deliro,
y me siento a vagar
en el Cosmos,
a flotar sobre un mundo
de luces y colores
tomando las sombras,
jugando con la musicalidad
oculta en el silencio,
como el instante
de la eternidad
en que los dioses se aman
y con sus besos dibujan
flores locas y alucinadas
con la sangre del sol
para iluminar la primavera.





Orlando Dantas aos 22 anos

Orlando Dantas

UM HOMEM INCOMUM

Paulo Roberto Dantas Brandão

Há homens entre os quais na vida ou na morte ninguém fica indiferente, Orlando Dantas foi um deles. Assim, num misto de nota e editorial a Gazeta de Sergipe anunciava a morte do jornalista Orlando Dantas naquele hoje longínquo 09 de abril de 1982, uma Sexta-feira da Paixão. Não são muitas as vezes que uma afirmação dessas é tão justa. Orlando Dantas foi um homem diferente. A começar pela trajetória de vida que escolheu, sempre fora do previsível.

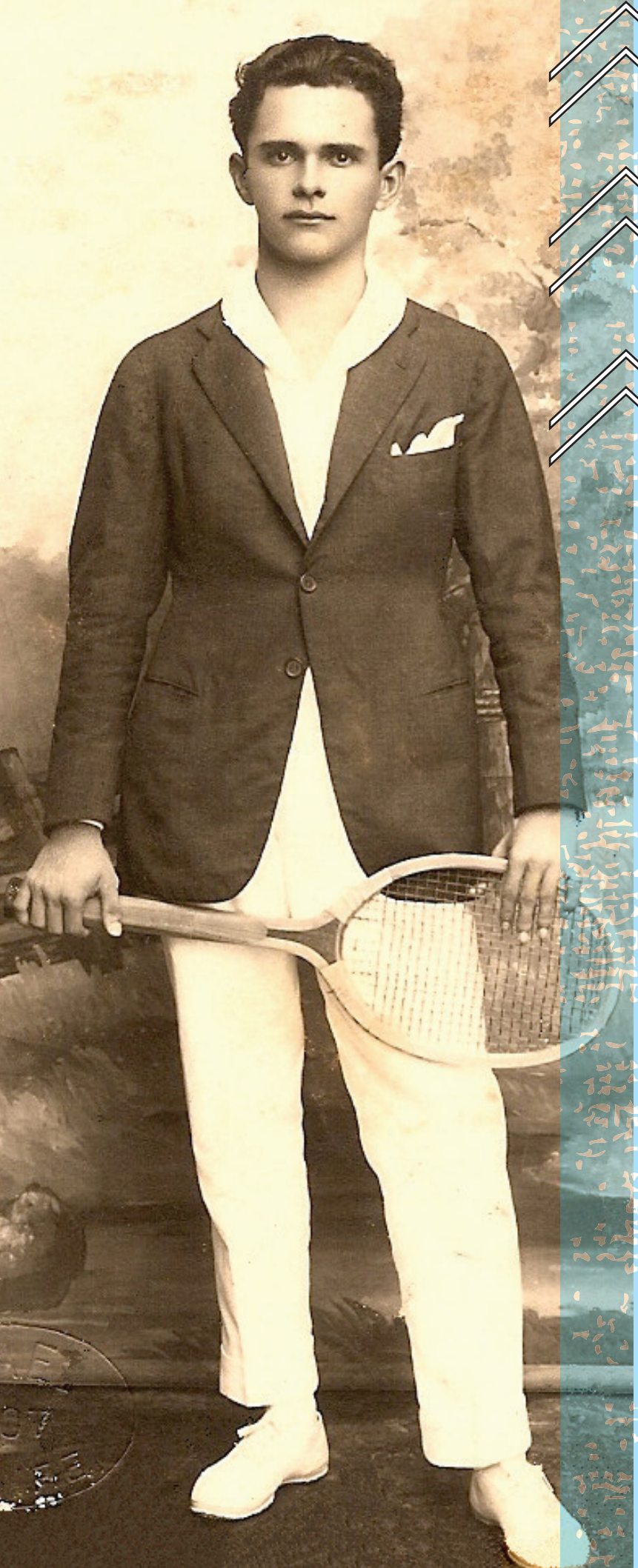
Jovem rico, para os padrões sergipanos, poderoso, bonito, poderia ser um mero *playboy*, um parasita qualquer. Reza a lenda familiar que aos 18 para 19 anos recebeu uma herança do seu padrinho Coelho e Campos. Coelho e Campos foi senador e Ministro do Supremo, morreu sem descendência. No testamento mandou construir com o seu legado uma escola técnica, onde hoje é o SENAI, e deixou para o afilhado 18 contos de réis. Com esse bom dinheiro, o Orlando jovem renovou seu guarda-roupas, e foi fazer estação de águas lá pelo Sudeste, onde nas férias reuniam-se os ricos e famosos do Brasil de então. Deve ter namorado um bocado, pois já velho, recebeu um telefonema de uma matriarca quatrocentona paulista com quem teve um namorico, que queria ter notícias dele. Isso depois de 60 anos, é sinal que deve ter sido mesmo inescutível. Com tudo isso não se rendeu

ao chamado deslumbrante da doce vida. Ficou no Rio de Janeiro para estudar engenharia, mas abandonou a faculdade no segundo ano. Foi fazer um curso livre de sociologia, e voltar a Sergipe sem o anel de doutor.

Escolheu voltar a Sergipe, trabalhar, e casar com a morena humilde, bela, simpática, pobre mas com um sorriso largo e encantador, D. Dulce, que foi sua companheira de toda a vida.

Filho de um usineiro, neto, bisneto e tataraneto de senhores de engenho, tinha um destino fácil na sua terra natal: aquietar-se como um lídimo representante da classe dominante, proveniente da oligarquia açucareira que mandou e desmandou em Sergipe até o final do século XX. Mas pensou diferente e agiu conforme o seu pensar diverso ao traçar sua invulgar trajetória de vida.

Ousou ser um intelectual num ambiente não propício. Herdei sua biblioteca, que primeiro passou pelas mãos de minha mãe Yêda, que aprendeu com o pai ser uma amante dos livros. Surpreendome ainda hoje ao folhear os seus livros, prenhes de comentários e anotações diversas a atualidade e a argúcia das suas observações. Orlando Dantas leu de tudo. Encontro e guardo com carinho seus exemplares de Prost, Sartre, Camus, Tolstói, Veríssimo, Amado, entre outros. Há ainda em destaque Cervantes, num exem-



plar de D. Quixote ilustrado ricamente por Gustavo Doré, em quatro volumes ricamente encadernados de vermelho. De todas, só vi um comentário que me deixou atônito, ou melhor, surpreso: ele não gostou de Grande Sertão Veredas, de Guimarães Rosa. Seu comentário na última página dá o seu sentimento: achou chato e confuso, mas mesmo assim remeteu para uma possível futura leitura que não sei se aconteceu. Deixou, com os seus comentários, uma vasta estante de livros de economia, com tudo o que Celso Furtado, Galbraith e Inácio Rangel, publicaram. Marx, e outros clássicos povoaram as suas estantes. Por Hegel tinha carinho. Cultivou uma relação especial com os autores sergipanos, de Tobias Barreto a Silvio Romero, de João Ribeiro a autores mais modernos. E reuniu tudo o que pôde dos autores seus conterrâneos. O Orlando que se tornou um intelectual interessante, trilhou caminhos difíceis, quando seria mais fácil desenvolver a boçalidade ignorante dessas paragens.

Enveredou pelo jornalismo e pela política, sem deixar de ser um empresário realizador, no feliz conceito de Schumpeter. Começando pelo jornalismo, fez da sua Gazeta uma trincheira na luta pelo desenvolvimento de Sergipe e do seu povo, que amou desinteressadamente, algo mais uma vez incomum, nesses tempos de Lava Jato. Suas lutas não eram pes-

Orlando Dantas tenista

soais, nada ganharia pessoalmente com qualquer uma delas, a não ser a satisfação do dever cumprido. Lutou pela moralidade dos costumes políticos, denunciando abusos, corrupção e más práticas de governo, quando seria muito mais cômodo alinhar-se ao poder. Denunciou figuras poderosas, algumas que foram seus amigos, quando seria mais fácil desviar o olhar para o outro lado. Quando se bateu pela construção do porto de Sergipe, e sua opção por ser construído no estuário do Rio Sergipe, numa batalha memorável, nada tinha pessoalmente a ganhar. Seu patrimônio não seria valorizado, não havia terras a serem vendidas, produtos seus que fossem exportados, ou necessidades de importações para si ou suas empresas. No entanto lutou destemidamente por achar que sem um porto, as dificuldades para o desenvolvimento do Estado seriam quase que intransponíveis. Quando denunciou que o Grupo Lume estava em Sergipe apenas para impedir a exploração dos nossos minérios, notadamente o potássio, certamente ganharia algo se viesse a se aliar àqueles grupos econômicos que só pretendiam espoliar o Estado. No entanto, preferiu lutar desinteressadamente por Sergipe.

Como político, podia aliar-se a um dos grupos que se digladiavam pelo controle do Estado. No entanto, junto a um grupo pequeno de intelectuais, funda e

Orlando Dantas com Seixas Dórea





Na Câmara dos Deputados

“Escreveu diversas monografias sobre os problemas econômicos de Sergipe e do Brasil. O principal, ainda na década de 40, foi o livro ‘O Problema Açucareiro de Sergipe.’”



Fotos: Acervo da família.

Orlando e Dulce

conduz em Sergipe a Esquerda Democrática, depois transformada em Partido Socialista. Sabendo que os sucessos eleitorais seriam difíceis, mesmo assim, com todas as dificuldades, elege-se deputado estadual e depois federal, sempre com destaque, sempre batendo-se pelas grandes causas. É só verificar nos anais da Câmara Federal, por exemplo, a sua atuação para a criação da Petrobrás, lá no início da década de 50. Mesmo com pequena densidade eleitoral foi um dos políticos mais influentes de sua geração.

Como empresário herdou da família a Usina Vassouras, uma acanhada produtora de açúcar em Divina Pastora. Soube que ali não teria futuro, realocou a indústria para Capela. Utilizou de forma pioneira os vastos tabuleiros de Capela e Dores que nada produziam para o cultivo

da cana-de-açúcar. Implantou o Proálcool, a primeira destilaria de Sergipe, e ao morrer, só falava em planos de expansão, e de novos investimentos.

Encontrou tempo para refletir e escrever. Escreveu diversas monografias sobre os problemas econômicos de Sergipe e do Brasil. O principal, ainda na década de 40, foi o livro “O Problema Açucareiro de Sergipe”, onde alertava para as dificuldades que passaria a ter a indústria do açúcar no Estado nos anos futuros, se não houvesse correção de rumos. A sua acurada análise foi lida, mas parece não ter sido apreendida pelos seus pares empresários ou mesmo pelo poder público. Escreveu ainda pequenos volumes com análise sobre a inflação, e traçou todo um plano de desenvolvimento para o Estado, motivado por uma palestra na Assembleia Le-

gislativa, e sobre a exploração dos recursos minerais. E foi além, escreveu sua grande obra de sociologia, que foi “Vida Patriarcal de Sergipe” onde toma como exemplo de sua análise o contraste da vida em um engenho aristocrático, da família paterna com um engenho mais de classe média, da família materna. No final da vida tinha o projeto de escrever uma grande obra, cujo título seria “Sergipe, épocas e homens”. Nas suas pesquisas, porém, apaixonou-se pela figura de Fausto Cardoso. Parou tudo para escrever sobre aquele interessante tribuno, morto na revolução de 1906. Deixou em sua máquina de datilografar, inconcluso, o trabalho sobre Fausto, cujos originais infortunadamente sumiram.

Eleito para a Academia Sergipana de Letras, revoltou-se contra posições retrógradas de alguns dos seus membros. Não teve

a mínima paciência quando alguns dos seus confrades vetaram a entrada de uma candidata mulher no rol dos imortais. Nunca mais apareceu por lá. Sua vingança veio *post mortem*, foi sucedido por uma mulher, a festejada Professora Thetis Nunes.

E assim, de inconformismos em inconformismos, de inquietações em inquietações, formou sua vida que não foi comum. Influenciou gerações de sergipanos. E foi sempre citado como exemplo. Na oração fúnebre feito no seu enterro, Cabral Machado comparou Orlando Dantas a Richard Neville, o Conde de Warwick, que foi cognominado na Inglaterra “O Fazedor de Reis”, o lorde influente da Guerra das Rosas que fez monarcas sem ter sido um. Até isso Orlando Dantas foi em Sergipe, mas, antes de tudo, foi um homem de bem. 

AUGUSTO

as escolhas de um homem obstinado

Por Albano do Prado Franco

Augusto, quarto dos nove filhos do casal Adélia e Albano, nascido em 4 de setembro de 1912, na Usina São José, no município de Laranjeiras, decidiu ser médico. Esta foi a sua primeira escolha existencial e que teve o apoio de seus pais, especialmente de sua mãe que queria ver todos os filhos homens formados. Dotada de uma energia incomum, Adélia, como se diz hoje em dia, tinha voz e voto no seio daquela família patriarcal e suas decisões eram quase todas acatadas pelo marido Albano, respeitado proprietário rural, usineiro e detentor da patente imperial de coronel honorífico da Guarda Nacional. Era um casal de fins do século XIX, mas já com os pés e os olhos voltados para o século XX, para a rápida modernização que se processava nas atividades produtivas e no âmbito das relações sociais em substituição ao regime socioeconômico baseado no trabalho escravo, tão bem descrito por Gilberto Freire no seu clássico livro Casa Grande e Senzala.

Há fundadas evidências de que a figura icônica de Dr. Augusto Cezar Leite, o “Pai da Medicina Sergipana”, influenciou o jovem Augusto na sua firme decisão de se tornar médico.

Aquela época, fins da década de 1920 e início dos anos 1930, mais do que um médico que já contabilizava uma vasta folha de bons serviços prestados à saúde dos sergipanos, especialmente na

área cirúrgica, Dr. Augusto Leite, que entre outras realizações capitais havia encabeçado a fundação do Hospital de Cirurgia, inaugurado em 1926 e que posteriormente receberia seu nome, exercia uma liderança incontestável, tendo, inclusive, fundado, em 1933, um partido político – União Republicana de Sergipe – e por esta agremiação eleito deputado constituinte e, em 1935, senador da República. Era, portanto, um ídolo, um exemplo a ser seguido pelos jovens sequiosos de saber e de ascensão social, entre os quais Augusto que, não por mera coincidência, mais tarde seria seu genro.

De fato, depois de ter estudado as chamadas primeiras letras na Escola Laranjeirense da professora Eufrosina Guimarães (dona Zizinha), Augusto foi transferido para Aracaju a fim de continuar seus estudos primários na então Escola Salesiana à época sob a direção do padre Lazzarini. Em 1923, aos 11 anos, já está em Salvador, no Colégio Antônio Vieira, de rígida orientação pedagógica, típica dos estabelecimentos administrados pelos rigorosos padres jesuítas. Disciplinado, estudioso e bom aluno, Augusto se destacou não apenas nos estudos, mas também no futebol, seu esporte preferido, tendo, inclusive, em várias ocasiões, na posição de *half* esquerdo, defendido o Vitória Esporte Clube, um dos dois melhores times da Bahia. Seu potente e

FRANCO

certeiro chute de canhoto era destaque nas pelepas soteropolitanas. Com tal atributo, avançava como se fosse um ponta para chutar em gol. Anos depois, essa jogada seria universalizada pelo grande Nilton Santos. O seu célebre gol no jogo contra a seleção da Áustria, na Copa de 1958, bem demonstra essa proeza.

Aos 20 anos incompletos ingressou na tradicional Faculdade de Medicina da Bahia. No final de 1937, aos 25 anos, graduou-se. No ano seguinte, seguiu para o Rio de Janeiro a fim de, sob a orientação do Dr. Estevão Resende, se especializar em otorrinolaringologia no Hospital Escola São Francisco de Assis que era referência no ensino e na prática, em nível de pós-graduação, das diversas especialidades médicas. Era o que viria a ser a residência médica de hoje.

Retorna a Aracaju em 1939, monta consultório e inicia suas atividades profissionais. Com a colaboração de Lauro Porto, seu colega de faculdade, Augusto realiza uma delicada cirurgia facial de





Augusto Franco trabalhando em uma obra.
Foto: Instituto Augusto Franco.

mastoide, provavelmente a primeira a ser feita em Sergipe. Objetivo, ao tempo em que exerce a medicina, sem perda de tempo o jovem médico namora Maria Virgínia Leite, filha de seu herói, Dr. Augusto Leite. Segue-se o noivado, como era o costume da época e, em 31 de janeiro de 1940, aos 27 anos, com ela se casa.

Passado apenas cinco meses de seu casamento ocorre uma completa reviravolta na vida de Augusto, pois em junho de 1940, D. Adélia, agora viúva e matriarca da família, juntamente com os filhos mais velhos, especialmente José e Walter, decide instalar uma manufatura em São Cristóvão. Era uma fábrica têxtil de grande porte que requeria um alto aporte de capital e, portanto, uma gestão eficiente durante a edificação e quando em operação. Quem para tocar o projeto e colocá-lo em funcionamento? Ele mesmo! Assim decidiu D. Adélia e seus filhos. O jovem Dr. Augusto poderia recusar a oferta e continuar atendendo em seu consultório e operando nos hospitais, mas, disciplinado e, por natureza, obstinado, aliás, esta era uma palavra que ele gostava muito e exercia seu significado com competência, decidiu

aceitar o desafio e foi ser diretor-gerente da Companhia Industrial São Gonçalo. E assim, abandonou a medicina para ser empresário. Esta foi a segunda escolha existencial de Augusto Franco.

Sem delongas, mudou-se com a mulher para a antiga Capital a fim de tocar o empreendimento. Ainda em 1940, em 22 de novembro, nasce seu primeiro filho: eu, que fui batizado com o nome de meu avô. A propósito, ao longo dos anos, tem sido uma praxe da família em nominar

seus membros com os nomes dos ascendentes e colaterais. Em seguida, vieram Maria Amélia, Walter, Augusto César, Antônio

Carlos, Marcos, Maria Clara, Osvaldo e Ricardo.

Depois da instalação da Companhia Industrial São Gonçalo, meu pai dedicou a maior parte de sua vida ao trabalho árduo na fundação e funcionamento de novas empresas nas áreas têxtil, agroaçucareira, agropastoril, de comunicações. Sua exitosa trajetória como empresário inovador é bastante conhecida. Soube aproveitar com eficácia as oportunidades de mercado e os incentivos governamentais, gerando milhares de empregos e renda. Tinha uma predileção especial pela indústria

têxtil. Além da São Gonçalo, adquiriu e modernizou a Sergipe Industrial, velha fábrica edificada no longínquo 1882; e, nos anos 1970, instalou a Fiação e Tecelagem Nortista, à época uma das mais modernas fábricas do ramo no país. Era um especialista em máquinas e equipamentos têxteis. Elegia os teares suíços como os melhores do mundo. Anualmente comparecia à feira da indústria têxtil de Hannover, na Alemanha, para conhecer as novidades tecnológicas e fabris. Na complexa seara dos recursos humanos contratava os melhores, treinava e dava oportunidade aos mais jovens, remunerava bem, muito acima das médias locais. Em mais de meio século de atividades empresariais, não se registra uma só greve em nenhuma de suas empresas.

Escala e produtividade era o binômio ou as palavras-chave que presidiam as decisões de investimento de meu pai. Foi assim quando se envolveu com a indústria têxtil ao adquirir o que havia de mais moderno em matéria de equipamentos e tecnologia e contratar pessoal altamente qualificado para a produção e gerência. Dessa forma, com elevada produção e qualidade, competia no mercado regional e mesmo no Sul do país. Muitas das encomendas procediam de São Paulo, o centro dinâmico da economia brasileira.

Essa mesma estratégia competitiva – escala e produtividade – meu pai a

utilizou na produção de açúcar e álcool. Modernizou a Usina São José do Pinheiro, transformando-a na mais importante do Estado. Atualmente sob a competente gestão de meu irmão Osvaldo, a Usina está produzindo perto de 2 milhões de sacos de 50 kg de açúcar e 27 milhões de litros de álcool por safra. Autossuficiente em energia com a queima do bagaço da cana, gera cerca de 36 megawatts de eletricidade, dos quais 14 é comercializado no mercado livre.

Antenado nos avanços tecnológicos e mercadológicos de sua época, meu pai, investidor nato, estava sempre à procura de oportunidades nas quais pudesse exercitar o seu “instinto animal, seu faro para novos negócios”. Sentia-se realizado em mobilizar recursos para acumular riquezas e criar empregos. Criticava a especulação financeira afirmando que uma nova classe de ociosos estava se formando e que iria acarretar enormes prejuízos ao desenvolvimento do país, com a consequente expansão da espiral inflacionária. De fato, não deu outra! Pois, nesse tempo de frenesi especulativo, quando as poupanças privadas eram drenadas para o “ganho” fácil do *over night* e de outros produtos parecidos, meu pai instalou, no Distrito Industrial de Aracaju, a Fiação e Tecelagem Nortista. Ou seja, optou pela inversão real, pela agregação de valor, como dizem os economistas, em oposição ao ganho fácil, sem trabalho, mas ilusório.

TENHO
MEU PAI COMO
UMA REFERÊN-
CIA DE RETIDÃO
E FIRMEZA! SE-
RIEDADE ERA
A SUA MARCA
NAS RELAÇÕES
HUMANAS E
EMPRESARIAIS.

Na sua busca de novas oportunidades, meu pai enxergou no extraordinário avanço das comunicações no final da década de 1960 e início dos anos 1970 um patamar de bons negócios. Assim, em 17 de maio de 1973 entrava no ar a TV Atalaia, filiada à Rede Tupi de Televisão. Foi a primeira emissora do Nordeste a transmitir sua programação totalmente colorida, o que triplicou as vendas de televisores a cores em Sergipe. Atualmente está sob a competente gestão de meu irmão Walter e é afiliada da Rede Record.

A primeira emissora do Estado, a TV Sergipe, fundada em 1971, por um grupo de empresários do qual faziam parte Chico Franco, Paulo Vasconcelos, Luciano Nascimento e Josias Passos, havia sido idealizada pelo comunicador Nairson Menezes ainda nos anos 1960. Mais tarde teve seu controle acionário adquirido pelos proprietários da TV Aratu, da Bahia, que enviaram à Aracaju o jornalista Mozart Santos para administrá-la, e aqui fez brilhante carreira como homem de televisão. Em 1981, por minha iniciativa, meu pai aprovou a aquisição da emissora ao tempo em que, em partes iguais, cedeu o controle acionário a meu irmão César e a mim. Com o falecimento de César, a parte que lhe cabia, passou para sua esposa Lourdes Franco. Afiliada da Rede Globo, em anos recentes, dona Lourdes e eu demos continuidade ao processo de modernização da TV Sergipe e a colocamos no

rol das emissoras que transmitem em HD-TV, isto é, em sinal de alta definição de imagem e som para 82% dos municípios sergipanos. Pesquisas de opinião atestam que a TV Sergipe é sintonizada por 70% dos telespectadores sergipanos. No momento, estou negociando minhas ações com a Rede Integração, de Minas Gerais.

Ainda no campo das comunicações meu pai instalou as rádios FM Atalaia e FM Sergipe e adquiriu e modernizou o Jornal da Cidade, que havia sido fundado nos anos 1970 pelo empresário Nazário Pimentel. Esses veículos continuam prestando relevantes serviços à sociedade sergipana sob a direção de seus descendentes.

Em 1966, aos 54 anos, meu pai decidiu entrar na política. Candidatou-se e se elegeu deputado federal. A política foi a sua terceira e última escolha na vida pública. Maduro e experiente ele achava que poderia contribuir para o desenvolvimento do Estado. Como numa corrida de bastão, era também seu desejo de levar

adiante a carreira de seu irmão Walter, falecido precocemente aos 49 anos e que havia sido senador e deputado federal. Elegeu o aproveitamento industrial dos sais minerais – compostos de sódio, potássio e magnésio – descobertos pela Petrobras e a construção do porto marítimo como a plataforma de seu mandato na Câmara dos Deputados. Fez inúmeros pronunciamentos demonstrando a viabilidade desses empreendimentos e de sua importância para a economia brasileira.

Em 1970, elegeu-se senador e prosseguiu na sua cruzada em favor da exploração dos minérios e da construção do porto. Em diversas oportunidades estive nos gabinetes de ministros e presidentes de empresas com tais finalidades.

Em 1979, aos 67 anos, chegou ao governo do Estado. Sentia-se honrado e realizado em governar Sergipe. E queria fazer um grande governo! Mas aquela era uma época de sérias dificuldades econômicas. Os dois choques do petróleo e a alta exponencial das taxas de juros colocou o Brasil às portas da insolvência, o que ocorreria em 1982. Para pagar os juros da elevada dívida externa, o governo priorizou as exportações e fez um brutal ajuste fiscal recomendado pelo FMI que levou o país à recessão. Atravessava-se, portanto, uma fase de sérias restrições financeiras quando meu pai assumiu o governo.

Acostumado aos desafios, meu pai não esmoreceu, muito ao contrário, não

perdeu tempo, praticamente mudou-se para Brasília a fim de conseguir do presidente João Figueiredo uma decisão favorável em relação ao potássio. E conseguiu! Em 3 de maio de 1979, menos de dois meses de empossado, o governador Augusto Franco foi informado pelo Dr. Paulo Belotti, presidente da Petrobras, que, nessa data, o Conselho de Administração havia aprovado a exploração do potássio sergipano, parabenizando-o pelo sucesso de suas gestões junto ao presidente da República e demais autoridades federais. Sem delongas, em 5 de julho, o governador presidiu, no palácio Olímpio Campos, com as presenças do ministro das Minas e Energia, César Cals e o presidente da Petrobras Mineração – Petromin, Edilson Távora, a solenidade de assinatura do contrato entre a Petromin e a Odebretch para a implantação de um projeto de produção de 500 mil toneladas/ano de cloreto de potássio.

Resolvida a questão do potássio, restava resolver a do porto marítimo. Aliás, questão centenária! Já que há mais de um século pesquisas e estudos técnicos indicavam a construção de um porto em mar aberto pela inviabilidade de acesso de embarcações de maior tonagem na foz do rio Sergipe, em razão da baixa profundidade e pela mobilidade do canal de acesso. O último desses estudos havia sido elaborado no governo anterior, do Dr. José Rollemberg Leite, pela Sondotécnica, empresa especializada em projetos hidráulicos.



Augusto e Albano Franco.
Foto: Instituto Augusto Franco.

De posse desses estudos, o governador Augusto Franco foi à luta. Depois de prolongadas e penosas negociações, em 2 de junho de 1981, o presidente Arno Markus, da Portobras, comunicava-o que essa empresa decidira construir um porto off shore em Sergipe. A primeira etapa fora vencida! As seguintes objetivavam a elaboração do projeto de engenharia, as sondagens marítimas do terreno, a rodovia de acesso, a desapropriação da área e o início das obras em terra. Muita coisa para pouco tempo! Com exceção dessas obras, todas as demais etapas foram realizadas nos dois anos que restavam para o término do governo, sem que o Estado gastasse um só centavo.

Sempre recebido com respeito e admiração pelas autoridades, o governador Augusto Franco, numa época de rigorosa contenção orçamentária, conseguiu liberar os recursos para os projetos estruturantes da economia estadual. Além das obras iniciais do porto, que foi inaugurado pelo governador João Alves e que teve a decisiva participação do ex-governador Seixas Dórea para garantir sua construção pela Petrobras, o Dr. Augusto Franco conseguiu os recursos indispensáveis para a construção de quatro adutoras das cinco existentes no Estado – São Francisco, Alto Sertão, Agreste e Piauitinga – com destaque para a Adutora do São Francisco responsável pelo abastecimento de 40% da população do Estado. Inaugurada em 22

de abril de 1982, com a presença do vice-presidente Aureliano Chaves que, no seu discurso, afirmou tratar-se de “uma obra que vale um governo”.

Entre outras realizações fundamentais deve-se fazer menção à construção do conjunto habitacional que leva seu nome, contando 4.510 moradias, atualmente um próspero bairro de classe média onde residem cerca de 20 mil pessoas. Outros núcleos residenciais foram edificadas na Capital e no interior. Ainda, em Aracaju, merece destaque o Conjunto Santa Tereza, localizado nas imediações do aeroporto, também importante bairro de classe média. No total, foram construídas 15 mil moradias.

Pode-se dizer que o governo de Dr. Augusto Franco foi predominantemente de obras estruturantes: mineração do potássio; porto marítimo, sistema de adutoras, moradias, distrito industrial de Socorro, Estância e Propriá; eletrificação rural, construção de novas rodovias, com destaque para a rodovia dos Náufragos; mais escolas e salas de aula, mais centros e postos de saúde, etc.

A aprovação de seu governo é algo sem precedentes na história política de Sergipe. Consciente e seguro de que havia feito um governo desenvolvimentista com massiva inclusão social, em 14 de maio de 1982, Dr. Augusto Franco desincompatibilizou-se do cargo de governador e decidiu candidatar-se a deputado federal.



Augusto Franco condecorando Gilberto Freire.
Foto: Instituto Augusto Franco.

Obteve a assombrosa quantidade de 102 mil votos. A maior votação proporcional até então registrada, ainda não superada, e uma das maiores do país na eleição de 15 de novembro de 1982. Uma verdadeira consagração popular!

Tenho meu pai como uma referência de retidão e firmeza! Seriedade era a sua marca nas relações humanas e empresariais. Muitos o achavam um homem sisudo, de poucas palavras, mas os que o conheceram mais amiúde o tinha como uma pessoa objetiva, cumpridora da palavra empenhada, respeitosa, mas não uma pessoa árida, pouco amistosa. Austero sim, sisudo não! Tanto ele relevava as relações humanas que, uma de suas máximas no mundo laboral, era o entrosamento entre as partes envolvidas, e afirmava: “o mais importante não é o negócio em si, sua lucratividade, mas o sócio, o parceiro.”

Por ocasião das comemorações de seu centenário em 4 de setembro de 2012, o Instituto Augusto Franco, que tenho a honra de presidir, promoveu um seminário sobre Cenários da Economia Brasileira, tendo como conferencistas os governadores Marcelo Deda, de Sergipe, e Eduardo Campos, de Pernambuco, o economista Paulo Rabelo de Castro, atualmente presidindo o BNDES e o professor da USP José Pastore, o mais importante especialista em relações do trabalho no país. Diversos foram os depoimentos enviados por perso-

nalidades do mundo empresarial e político que conviveram com meu pai. Destaco o do ex-ministro Delfim Netto com quem ele teve estreito relacionamento quando governador:

“Tive a honra de estreitar laços de amizade com Doutor Augusto Franco pelos contatos que tivemos quando ele era governador e eu como ministro do planejamento do presidente João Batista Figueiredo pude colaborar para a efetivação das importantes obras de modernização da infraestrutura rodoviária, portuária, de saneamento básico e habitacional que impulsionaram o desenvolvimento econômico e humano de Sergipe.”

Continua o ex-ministro Delfim Netto:

“Augusto Franco realizou com exemplar dedicação as tarefas em sua vida pública da mesma forma competente com que presidiu atividades empresariais de elevado nível de sofisticação.”

E conclui: “Não se faz mais homens como Augusto Franco!” 

CULTURAS, TRADIÇÕES E RESISTÊNCIAS NO SERTÃO SERGIPANO

Rangel Alves da Costa

Com o passar dos anos, as raízes culturais de um povo tendem a esmorecer, principalmente quando as novas gerações já não se interessam mais pelas tradições, pelos costumes e rituais de seus antepassados. Os mais jovens, envoltos que vivem perante as chamadas e tentações dos modismos, passam a simplesmente relegar ao esquecimento aquilo que sua família ou sua comunidade sempre valorizou.

Difícilmente um jovem vai ser encontrado talhando madeira para construir um cavaquinho como seu pai e seu avô faziam no passado. Difícilmente uma jovem vai pedir à sua mãe ou parentes que lhe ensinem a rodar como rodam as pastoreiras. Nem ciranda debaixo da lua nem cantiga de roda se avista mais. Será uma raridade encontrar alguém da juventude preservando de corpo e alma os velhos folguedos e as antigas tradições. A situação só muda quando está no próprio sangue familiar o senso da preservação ou quando o jovem sente que participando de grupo folclórico estará alçado à condição de artista.

Mas nem tudo está perdido. Pelo contrário, tudo ainda está garantido, não com a força que se esperaria, mas com a sementeira suficiente para a preservação. E assim por que as culturas, as manifestações folclóricas, os folguedos e outras tradições, ainda estão presentes por todo o sertão sergipano. E o mais impressionante que muito mais nas povoações e nos lugares mais afastados que mesmo nos centros urbanos. De repente, dos escondidos sertanejos vão aparecendo os reisados, os pastoris, as autênticas quadrilhas juninas, os xaxados, os sambas quebrados no miudinho do pé.

Da povoação ribeirinha de Bonsucesso, às margens do Rio São Francisco, no município sertanejo de Poço Redondo, chega a Cavallhada Mirim (cavalos de pau com cabeças de cavalos feitas de garrafas pet), o Reisado, o São Gonçalo e o Pastoril. Da região do Quilombo Serra da Guia, no mesmo município, Dona Zefa da Guia (parteira e rezadeira por excelência) traz o seu Samba-de-coco. De outras povoações locais vão surgindo grupos folclóricos



1



2



3

1 - Pifanos da família Vito. Foto: blograngel-sertao.blogspot.com.br

2 - Crianças representando o cangaço. Foto: Acervo.

3 - Cavalcada em Poço Redondo. Foto: sergipeemfotos.blogspot.com.br

com suas danças, seus batuques, suas enfeitadas encenações.

Pela cidade já passaram a cavalcada e a apresentação da cavalcada. Cortejos azuis e encarnados, lanças com fitas, cavalos e cavaleiros em disputa. Mas não há vencedor senão a cultura local e a população que ávida e prazerosamente assiste e aplaude cada acerto na argola e cada lança colocada ao umbro daquele convidado a colocar uma nota de dinheiro como premiação. Avista-se em deslumbramento, mas nada de novo naquele chão. Ainda continuam famosos os antigos cavaleiros de imponência sem igual, fossem representando cristãos ou mouros, mais parecendo príncipes em cima de seus portentosos e enfeitados cavalos.

Igual encantamento quando os grupos de xaxado se apresentam nas feiras culturais ou noutras programações. O xaxado, um tipo de pisada dançante tipicamente nordestina, mais difundida como folguedo cangaceiro onde os bandoleiros marcavam na batida dos rifles o compasso de sua dança, torna-se mais atraente pelas vestes cangaceiras recobrimdo seus integrantes. Lenços, embornais, cartucheiros, cantis, chapéus estrelas, ornamentos dourados, tudo muito colorido e brilhoso. Também os gritos de guerra, os cantos, toda uma teatralização que tornam ainda mais fascinantes as apresentações. Atual-

mente o mais famoso do sertão sergipano é o Xaxado na Pisada de Lampião, de Poço Redondo, que possui também uma versão mirim de igual qualidade.

Além dos gritos cangaceiros na marcação do xaxado, mesmo ao longe, inconfundíveis são os sons dos pifanos. Taboca furada nas laterais, canudo trabalhado com maestria, a flauta matuta ecoando os sons passados de gerações a gerações. O pifano em si é apenas um instrumento fazendo parte de um grupo maior de instrumentos, tendo sempre a inafastável companhia do surdo, do tarol e da zabumba. Tocadores do mato, homens da roça de mãos calejadas, sempre com a mesma garbosidade dos grandes artistas. Na região sertaneja de Sergipe, famosos são os Pifanos da Família Vito, de longa raiz familiar e cujos integrantes vão se revezando com os avanços das idades.

Os Pifanos da Família Vito estão sempre presentes nas festas religiosas e nos raros leilões caipiras que ainda persistem no sertão sergipano. Não leilão de gado, de prendas novas e modernas, mas um festejo diferente, nos moldes tradicionais, onde os objetos colocados em lance vão desde o bolo de milho à garrafa de cachaça. Em tempos mais antigos, quando as casas eram iluminadas por candeieiros ou lamparinas, ao longe se avistava a fogueira crepitando ao som do pifano, da sanfona e a voz aguda do leiloeiro per-

guntando quem dá mais por uma goiabada, uma panelada de galinha caipira, uma abóbora ou melancia.

Como dito, os leilões rarearam, mas ainda resistem num canto e noutro pelas vastidões sertanejas. Rareou quase tudo tão costumeiro e tão tradicional noutros antigamente. Para uma ideia do esvaziamento da tradição, até mesmo o forró autêntico, o chamado pé-de-serra, do zabumba, triângulo e pandeiro, somente é possível ser avistado nas salas de reboco mais afastadas da cidade e em ocasiões muito especiais. Tamanho esquecimento perante os festejos modernos, fez com que em Poço Redondo, nos sábados à noite, surgisse um local especialmente criado para que os mais velhos possam dançar e chinelar até a canseira chegar.

As tradicionais novenas ainda são celebradas em ocasiões especiais, principalmente nas semanas dedicadas aos santos ou quando as secas se alastram e as forças sagradas são chamadas a agir. Agora em número reduzido de beatas e outras devotas, escolhem as casas dos ofícios daquela noite e pelas ruas seguem levando a imagem dos santos nas mãos. Durante nove dias - daí o nome novena - as residências se preparam para receber o santo e seus acompanhantes. Na cidade ou pelos arredores, uma mesinha é recoberta com toalha branca rendada, sendo a imagem do santo colocada ao lado de um jarro

de flores, geralmente de plástico. O que importa é a fé, como dizem as velhas senhoras enquanto entoam cantos e orações. As novenas são feitas para pedir uma graça, para agradecer pela graça alcançada ou para louvar a Deus ou aos santos.

É, pois, através da fé, que a persistência de um povo se mostra em maior vigor. As procissões, contudo, tão costumeiras que eram noutros tempos, e mais de perto quando através delas se mostravam os sacrifícios pela fé, hoje ganharam lugar de destaque nas datas festivas da religiosidade, como quando das festas das padroeiras locais. Entretanto, em épocas de estiagens mais prolongadas, quando os rogos do povo precisam ecoar com mais força perante os santos, ainda é possível avistar pelas estradas pequenas procissões a São Pedro, o santo das chuvas, e a São José, o protetor dos sertanejos.

Mas tradições religiosas existem que, mesmo com número cada vez menor de adeptos, ainda continuam pelos sertões. É neste sentido, como se pedissem um dia dadivoso para todos, que logo aos primeiros clarões do dia as beatas e outras senhoras se reúnem nas igrejas para rezas e orações. Quem passar nas proximidades do templo católico certamente ouvirá: "Ave Maria cheia de graça, o Senhor é convosco; bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria Mãe de Deus, rogai por nós

"AINDA CONTINUAM FAMOSOS OS ANTIGOS CAVALHEIROS DE IMPONÊNCIA SEMIGUAL, FOSSEM REPRESENTANDO CRISTÃOS OU MOUROS, MAIS PARECENDO PRÍNCIPES EM CIMA DE SEUS PORTENTOSOS E ENFEITADOS CAVALOS."

Procissão em Poço Redondo.





Grupo de xaxado "Na pisada de Lampião."
Foto: Beto Patriota.

pecadores agora e na hora da nossa morte. Amém". E a prece cantada: "Dai-nos a bênção, ó Virgem Mãe, penhor seguro de sumo bem. Dai-nos a bênção, ó Virgem Mãe, penhor seguro de sumo bem. Vós sois a rosa de puro amor, encheis a terra de puro odor..."

De suas vozes, e todas as vozes sertanejas, as canções e os hinos tão sublimemente enaltecedores como tristonhos, eis que também ecoados nos ofícios de despedidas, nas sentinelas e incelenças, como se aquelas vozes fossem ecos de um além tão próximo de todos e a todos chamar à reflexão da vida, da morte, da fé, da valorização das verdades cristãs. Assim como o Ofício da Imaculada Conceição: "Agora, lábios meus, dizei e anunciai os grandes louvores da Virgem Mãe de Deus. Sede em meu favor, Virgem Soberana, livrai-me do inimigo com o vosso

valor. Glória seja ao Pai, ao Filho e ao Amor também, que é um só Deus em três pessoas, agora e sempre, e sem fim. Amém... Ouvi Mãe de Deus, minha oração. Toquem vosso peito os clamores meus... Sede em meu favor, Virgem Soberana, livrai-me do inimigo com o vosso valor..."

Enquanto isso, ainda dobram os sinos das igrejas sertanejas ao alvorecer e ao anoitecer. Chama aos ofícios religiosos, mas também anunciando despedidas terrenas. De rosário à mão, chega uma e mais outra beata. A fé diminuiu em tamanho, mas não em louvação. E lá fora, da porta da igreja adiante, as cidades vivem os seus dias sempre novos, tomados de modernidade. Tudo parece fazer esquecer o jeito de viver de outros tempos. Uma sofrência numa vitrola, uma canção brega nas alturas, uma voz que entoa uma música qual-

quer. Mas por que assim, quando ainda há tempo de ser nova preservando as profundas e tão belas raízes históricas, culturais e tradicionais?

É que a cultura e a tradição do povo sertanejo somente persistem sob algumas condições. Quando a força da tradição vive no sangue familiar ou pela íntima abnegação, como ocorre com os Pífanos da Família Vito e os cavalheiros, quando a beleza do folgado começa a atrair e a chamar os mais jovens, como ocorre com os grupos de xaxado, ou quando os governos municipais criam grupos para preservação de manifestações culturais. Somente em tais situações há que se falar em permanência do tão rico e vasto patrimônio cultural sertanejo.

Entretanto, fator preocupante é saber se, mesmo assim, haverá continuidade

em tal processo de preservação. Criou-se um descompasso tamanho entre o tradicional e o moderno que qualquer apresentação de uma cavalcada, de um xaxado ou de qualquer outro grupo folclórico, acaba se tornando em algo de grande estranhamento a muitos. Significa que o que era costumeiro, hábito local, transformou-se em acontecimento excepcional. Muitos, principalmente os mais jovens, ficam boquiabertos com as apresentações. Desconhecem completamente suas raízes. 

CURRALEIROS: UMA HISTÓRIA ESQUECIDA.

José de Almeida Bispo

O nascer da sergipanidade.

No dia 5 de novembro completaram-se 361 anos da invasão à cidade de São Cristóvão, por um comando de possivelmente centenas de homens, a esmagadora maioria de vaqueiros, convocados por seus patrões; e curraleiros, meeiros na criação de gado, de onde veio a cultura de aboios e apartações, com derrubadas e ferradas de animais, transformadas em festas populares, hoje conhecidas como vaquejadas. Consoante a documentação a que até agora pudemos ter acesso nos catálogos de referências documentais administrativas do período colonial é a primeira revolta nativista da História do Brasil. Nativista porque de caráter libertário; no mínimo de protesto junto ao governo colonial português. A REBELIÃO DOS CURRALEIROS, conforme grafou a historiadora Maria Thétis Nunes.

A terra

Tão logo houve a conquista de Sergipe por Cristóvão de Barros, menos de uma década depois o gado se espalhou pelas margens do rio Real, mas principalmente na Itabaiana, onde sua pequena e baixa cordilheira, de serras residuais resultantes da borda de gigante vulcão do arqueano a transforma em cerca, um curral natural. Assim é que durante a visita do sargento-mor Diogo Campos Moreno, em 1611, 30 anos depois da conquista, Sergipe, com epicentro na Itabaiana – a região onde mais tarde viria a ser criada a vila e instalado seu município - foi o centro maior daquela primeira fase da pecuária do ainda nascente Brasil, conforme atestam as observações de Moreno. Sergipe já abastecia os dois maiores mercados de carne do Brasil: Pernambuco e Bahia.

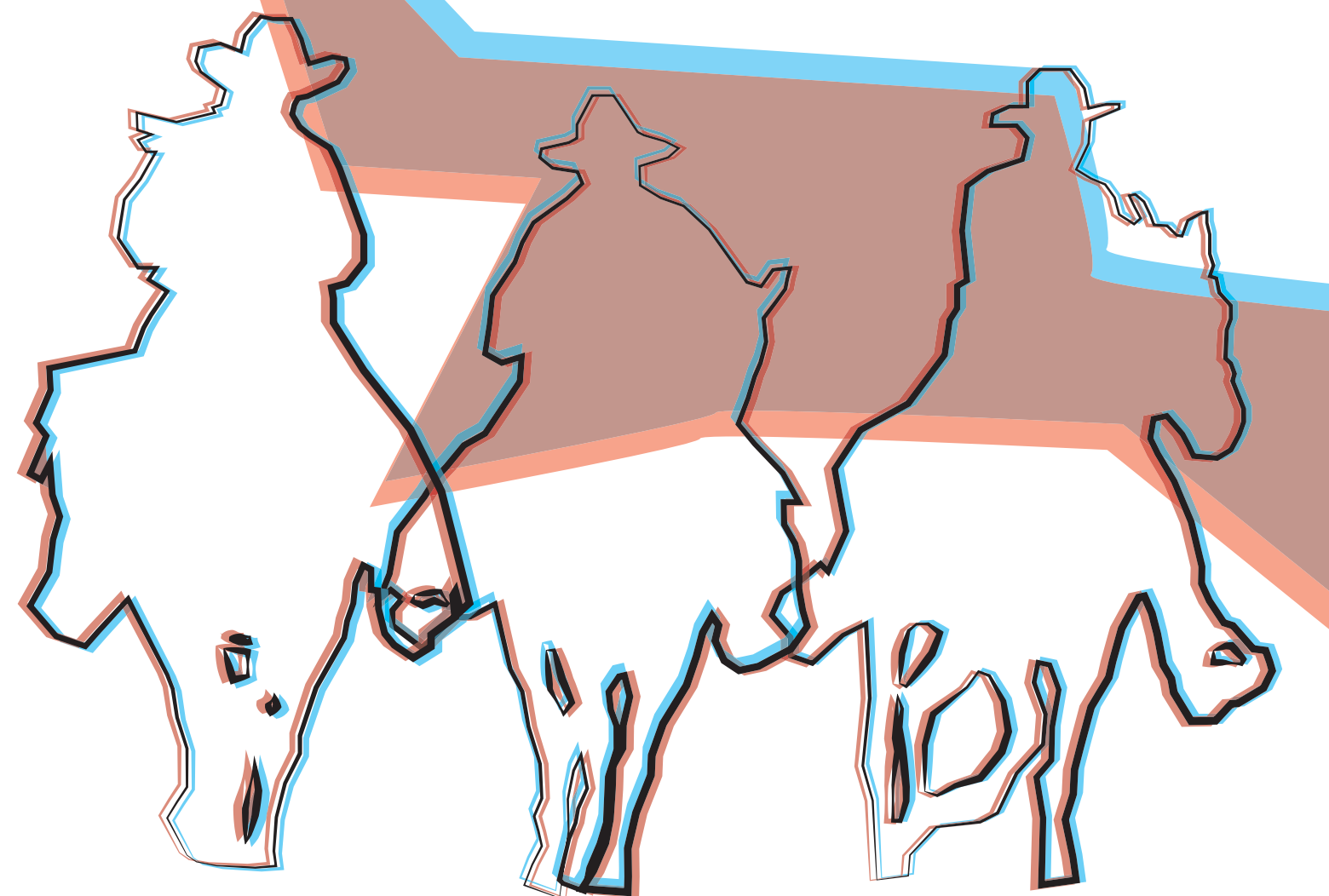


Mapa de Sergipe na época das capitanias hereditárias

A invasão Holandesa, controle pela Bahia e impostos

Sergipe foi criado por ordem d'Es-panha quando no comando do império português; logo, a estrutura de governo na capitania foi bastante precária até a conquista holandesa em 1637. Entre aquele ano e a expulsão dos mesmos em 1645, coincidentemente, o fim do período do governo Nassau, nada melhorou; pelo contrário, além do estado de insegurança com o exército holandês e os grupos de guerrilhas de Henrique Dias plantados na hoje cidade de Estância – a Estância de Henrique Dias – a se enfrentarem, o alto risco com a natural anarquia de uma fronteira em guerra. Muitos criadores retira-

ram o gado pros sertões; outros, contudo, conviveram tranquilamente com o estado atual das coisas, negociando normalmente com o invasor. À saída dos holandeses, a nascente baianidade começou a pesar sua mão em Sergipe com a Câmara Municipal de Salvador sobrepondo-se à Câmara Municipal de São Cristóvão, numa série interminável de conflitos que só viriam a desaparecer depois da Independência do Brasil; mesmo depois de criados os municípios por emancipação de São Cristóvão, de Itabaiana, Lagarto, Santa Luzia do Itanh, Santo Amaro das Brotas, e mais de uma década depois, o de Neópolis, e respectivas câmaras municipais. As cobranças de impostos eram escandalosas e recaíam praticamente todas sobre a criação de gado. O governo colonial mandava a cota de fintas a ser cobrada em Sergipe e a Bahia dividia a sua cota também com Sergipe. O governo geral, em Salvador, muito pouco fazia contra isso; mesmo quando decretos régios assim o determinavam. Em outubro de 1653, uma autoridade anônima escreveu um parecer endereçado à Corte em Lisboa advertindo para esses



abusos, com o título “Âncora de prova para sustentar naufrágios de grandes repúblicas” (Docs. Hist., Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. 33, pp. 30-39), coisa digna de um Padre Vieira. Versa sobre excessos administrativos, mormente a cobrança de tributos. Nada foi feito. O caldeirão, portanto, não parava de aumentar a fervura com desvio de manadas para colocá-las a salvo da sanha tributária, questionamentos legais, subornos e tudo o mais que advém de um estado de alto grau de injustiças.

A rebelião

Com as dificuldades administrativas surgidas a seguir a Restauração da monarquia portuguesa em 1640, os governadores de Sergipe passaram a ser nomeados pelos governadores da capitania da Bahia

“O caldeirão, portanto, não parava de aumentar a fervura com desvio de manadas para colocá-las a salvo da sanha tributária, questionamentos legais, subornos e tudo o mais que advém de um estado de alto grau de injustiças.”

por um longo período, até quase o fim do século XVII. Assim é que em 9 de março de 1654 foi nomeado capitão-mor Antônio Pestana de Brito. Apesar de nomeado pelo governo baiano, o novo capitão-mor também era criador de gado, arrancando protestos do governo da Bahia porque sequer morava em São Cristóvão, e sim em sua fazenda, na Itabaiana. Não tardaram os conflitos do capitão-mor, solidário aos demais pecuaristas com a fome baiana por impostos e seu total descaso com o desenvolvimento de Sergipe onde, até mesmo sua capital, sequer tinha um prédio de Casa de Câmara e Cadeia, elemento básico do poder municipal naqueles tempos. Depois de quase dois anos de ameaças, Pestana de Brito é golpeado e entrega o cargo que é reassumido pelo seu antecessor, João Ribeiro de Villa Franca, em 7 de outubro de 1655. Em 14 de dezembro, intervenções da Corte faz o governo baiano devolver o cargo a Brito, que o perde em definitivo para o sargento-mor, Balthazar dos Reis Barrenho em 13 de outubro de 1656. Já era a preparação para a derrama que viria naquele mês com a vinda do desembargador Bento Rabelo.

Assustados com o rolo compressor do governo baiano sob total licença do Conde de Athouguia, como governo colonial, fazendeiros, curraleiros e sua vaqueirama entrou em pânico e, numa clara demonstração de ato insano, mas necessá-

rio pra ver se acordava as autoridades na Corte, invadiram São Cristóvão no dia 5 de novembro de 1656.

Na documentação, o foco oficial da rebelião foi o padre Sebastião Pedroso de Gois, único pároco de Sergipe à época, de São Cristóvão, preso pelos rebeldes por três dias num sítio do outro lado do rio Paramopama, até a chegada da força militar vinda de Salvador. O padre, além de única autoridade maior encontrada em São Cristóvão, era muito mal visto por conta de sua oposição à hoje Igreja Velha, construída já há três décadas, e sem reconhecimento oficial da Igreja. Além de um dos principais beneficiários das rendas do gado.

Depois da rebelião, em 31 de março se achavam presos em Salvador os seguintes implicados: o ex-governador da capitania, Manoel Pestana de Brito, da Itabaiana; Phe- lipe de Santiago; o vereador em São Cristó-vão, Manoel Rodrigues; e o escrivão da res- pectiva Câmara, Gaspar Maciel Vilasboas. Na cadeia de São Cristóvão estavam os mo- radores da Itabaiana, o ex-procurador An- tônio de Maia e Antônio Gonçalvez Tydo; também Antônio Nogueira Espaçamares; o ex-vereador Manuel Velho de Miranda; Manuel Leal; o ex-procurador Antônio de Caldas; o procurador João da Rocha Vicen- te; Antônio Correa Santos, cunhado de Vi- cente do Amorim; Manoel Ribeiro Leitão; Anna Dalpoem e o preto Mateus, escravo

Trecho de livro que dá razão ao Brasil-Capitania de Sergipe.

de Vicente Amorim. Destes, apenas dois não eram proprietários na Itabaiana. Além deles, mais em torno de trinta outros implicados que, pelo que sugere a documentação, eram todos curraleiros e pobres.

Se mais informações não as há, de- ve-se aos atos condenáveis do próprio de- sembargador que, para evitar questiona- mentos futuros sobre eventuais excessos e até reclamações de compensações, quei- mou quase toda a documentação perti- nente ao mesmo processo.

A rebelião fracassou. Abusos baianos continuaram a existir, com confisco de centenas e até milhares de cabeças de gado ao ano. Em 1671, uma força de paulistas, que depois ficariam conhecidos na história como bandeirantes, foi enviada pelo governador-geral Alexandre de Souza Freire contra os curraleiros na Itabaiana com ordens para expulsar ou matar quem a ela se opusesse. A partir daquele ano, a Itabaiana, epicentro da rebelião, silenciou dos tilintares de chocalhos e dos mugires de bois e vacas. No restante de Sergipe, mormente nas Matas de Simão Dias e vales dos rios Piauitinga e Real, a criação, pesadamente tributada continuou; agora com a concorrência das boiadas da Jacobina e, ao limiar do século XVIII, do além São Francisco ou terras do Piauí. Mas estava plantada a sergipanidade que afloraria por vários momentos até a reconquista da Independência, desta vez total, em relação à grande capitania, hoje estado vizinho. 

, Sergipe,

*nao podendo ganhar nada, de necessidade hui de br-
rar em terra, por que nem ha lavoura de cultivar sobre
Amuria, que todo o fundo de sujo e logo se
contão e ahy se tem perdido nesta paragem muitos
navios,*

*Esta Capitania he muy poucissima aos engonhos
e fazendas de Pernambuco, e da Bahia para as
quas todos os annos Vay muito gado, muy pouca
comer, como para servir os annos hui ha muita boa
e guas, e bons canaas, q das do Brasil sao os mil boas,*

*Tem esta Capitania mais de duzentos moradores,
brancos separados hui dos negros a capoeira das cascas
e para as guas saõ tao cubicos de ocupar terra, que
ha morador q tem trinta leguas de semarea em dif-
ferentes partes, e Antonio cardoso de baurros, tem de
semarea das de o Rio de sergipe até o Rio de saõ
francisco por cobta, e pella terra dentro mais de oito le-
guas, e outros muitos moradores de bta manava, tem
occupado com quatro currais terra em q se podem acomo-
dar muitas gentes, e sobre ellas ponem as grandes differen-
cas, e não se possuue comoda mente fazerem o q conuem ao
bem comum, e serviço de sua Magestade,*

*Nesta capitania temos padros da campania muitas
terras, e fazendas, e tem a socasqua a mayor forza dos In-
dian daquelle distrito muy donde chamam Cotigipeua, como*

del Rey

*em outros lugares tem bem nas fazendas do dho Mo-
cardo e da outra aldea de sapijai, que são barbaes de ge-
to e bti tem seu capellão, e capitão apante confime a Orde-
namta nãda,*

*Foy Ordeada a Capitania o anno de 611 no q vende de
suas couzas, e remozas em mil e quatro centos, e cincoenta
cruzados,*

Sua despoza he a seguinte,

, Igreja,

Ala Vigario de seu Ordenado	1000
Ala coadjutor	250
Ala Ordinarios	230, 20
	1480, 20

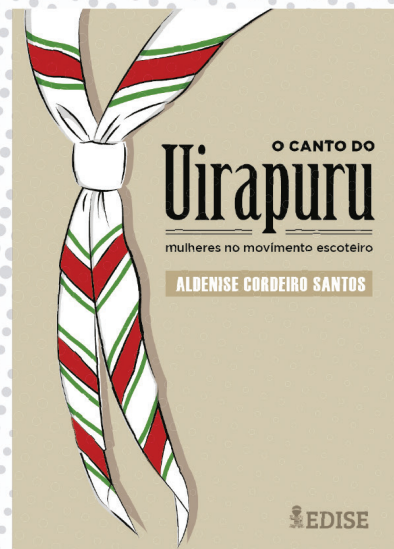
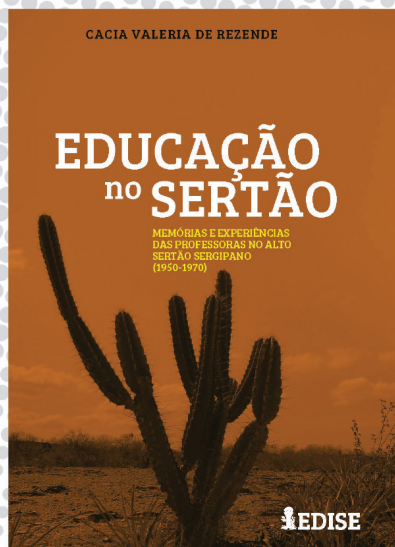
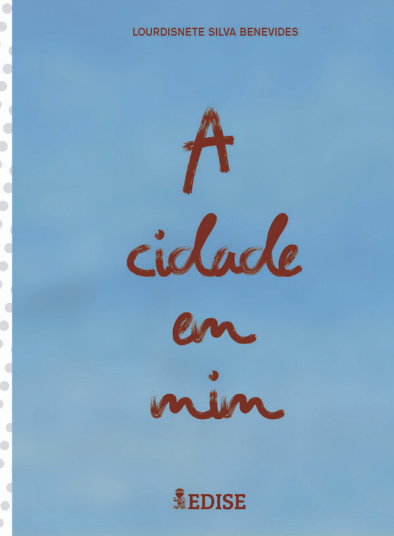
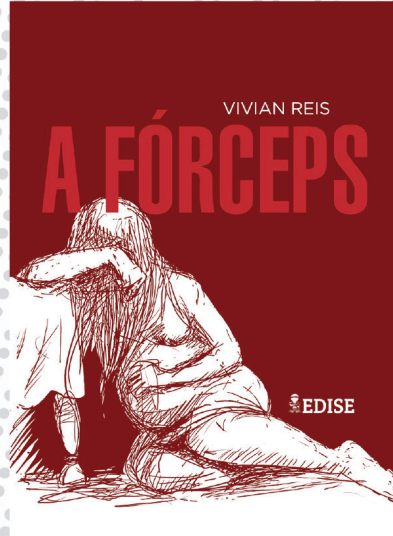
Officiaes del Rey,

Ala Capitão por Sua Magestade	1000
Ala Promocion sem ordenado	100
Ala almece	500
Ala de exomios da fazenda	250
	3230, 20

Igreja Velha. Foto: José de Almeida Bispo.



“A EDISE tem a grande
satisfação em fazer
parte dessas histórias”.



www.segrase.se.gov.br/edise

 /segrase  @segrase

 segrase@segrase.se.gov.br

Rua Propriá, 227 - Centro - Aracaju/SE

Tel: 79 3205 7421

**Tenha nossos livros em sua casa.
Compre pelo site: www.segrase.se.gov.br**

